

FRANKENSTEIN

ópera-rock

composta e adaptada do original de Mary Shelley
por Alberto Heller

libreto

(inglês e português)



Michelângelo, *A criação do homem*

FRANKENSTEIN

ópera-rock

Personagens

Victor Frankenstein, estudante de medicina e pesquisador em ciências
A Criatura (em momento algum do livro ela recebe nome próprio)

Robert Walton, capitão de navio rumo ao Polo Norte
Henry Clerval, melhor amigo de Victor

Elisabeth Lavenza, prima e futura noiva de Victor
Justine Moritz, amiga da família e confidente de Elisabeth

De Lacey, um velho cego (+ os filhos: **Agatha** e **Felix**)

Alphonse Frankenstein, pai de Victor

Prof. Waldman, professor de química afeito às pesquisas alquímicas

Prof. Krempe, professor conservador e tradicionalista

Juiz

CORO

Instrumentação

Cordas (violinos, violas, violoncelos e contrabaixos), madeiras (flauta, oboé, clarineta, fagote), metais (2 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tuba), percussão, bateria, piano, duas guitarras, baixo elétrico.

Duração da obra: aproximadamente 2 horas (mais intervalo entre os dois atos)



William Blake, *A criação de Adão*

1º ATO

Cena 1

Em meio a uma paisagem glacial ártica, o navio do capitão Robert Walton e sua tripulação, rumo ao Polo Norte, está prestes a encalhar no gelo. [ária Robert + coro masculino]

(o navio se movimenta com dificuldade em meio ao gelo; o capitão grita ordens, a tripulação está assustada e trabalha arduamente para evitar os icebergs)

ROBERT: Aparem as velas! O navio está adernando!

CORO: O gelo é demasiado espesso!

ROBERT: Peguem firme ou iremos bater. Mãos à obra! Mãos à obra!¹

CORO: Icebergs à frente! Cuidado!

ROBERT: Ânimo! Ponham os remos para dentro!

CORO: O navio não quer obedecer!

ROBERT: Força, camaradas! Estamos prestes a descobrir um novo mundo!

CORO: (com ironia) Você não consegue ver o mundo de onde está?² Se o seu mundo estiver sempre à distância, para sempre distante ficará.

ROBERT: Sou uma pessoa atormentada por um eterno comichão por coisas remotas; adoro navegar mares proibidos e atracar em costas bárbaras.³

CORO: Tem certeza de que sabe para onde estamos indo?

ROBERT: Estamos indo a regiões inexploradas, para a “terra de névoa e neve”.⁴

CORO: Isso figura no mapa?

ROBERT: Não está em mapa algum; verdadeiros lugares nunca estão.⁵

CORO: Mas onde estão as terras que o senhor nos prometeu?

ROBERT: Adiante.

CORO: Adiante, adiante, sempre adiante! Navegando rumo ao desconhecido...

ROBERT: Vocês deveriam estar perscrutando o horizonte ao invés de reclamando. Procurem pela nossa passagem.

MARINHEIRO 1: A suposta passagem...

MARINHEIRO 2: Talvez não haja caminho algum através desse gelo infinito...

MARINHEIRO 3: E se a passagem for só uma lenda?

ROBERT: Tenham fé, seus descrentes. As correntezas têm sua própria sabedoria. Tentem pensar no poético disto tudo: nós sozinhos contra o oceano.

CORO: Não há poesia alguma aqui, apenas frio duro e congelante.

ROBERT: O Pólo Norte pode ser o lugar da neve e da desolação; mas é também a região da beleza e do deleite. Olhem para o sol: eternamente visível, seu largo disco circundando o horizonte e difundindo esplendor perpétuo. O que não esperar de uma terra de luz eterna?

¹ Shakespeare, *A Tempestade*.

² Hermann Melville, *Moby Dick*.

³ *Ibidem*.

⁴ Coleridge, *The Rime of the Ancient Mariner* (citado no original por Mary Shelley).

⁵ Hermann Melville, *Moby Dick*.

CORO: Nós deveríamos estar de volta às nossas casas, seguros e aquecidos.
ROBERT: Em toda jornada há um ponto de não-retorno; esse ponto deve ser alcançado.⁶
MARINHEIRO 4: Capitão, estamos cercados por geleiras...
MARINHEIRO 5: O mar está congelando!
ROBERT: (gritando) Tentem com mais força! Não podemos parar!
MARINHEIRO 6: (reconhecendo finalmente a inutilidade de qualquer esforço) não há saída, capitão: estamos encahados.
MARINHEIRO 7: Onde estamos?
CORO: No meio do nada.
ROBERT: (furioso e inconformado) Não! Não! Não!

Surge do nada uma figura moribunda; resgatam o estranho, que quase não consegue andar. Indagado, revela ser o Dr. Victor Frankenstein. Na conversa entre ele e o capitão Robert, descobrem terem muito em comum. Victor começa a contar sua história. [dueto Victor + Robert]

(um homem aparece caminhando, quase se arrastando)

MARINHEIRO 2: Vejam! Um homem! Lá!
CORO: Impossível!
ROBERT: Somente um criminoso ou um lunático estaria vagando sozinho aqui tão ao norte.
CORO: Um milagre que ele esteja vivo!
VICTOR: (recobrando os sentidos após ter rapidamente desmaiado) Quem é você?
ROBERT: Meu nome é Robert Walton, sou o capitão deste navio. Como pode ver, estamos presos no gelo. E pelo que eu posso ver, você sofreu um bocado: está semicongelado e faminto. Suba a bordo, nós cuidaremos de você.
VICTOR: Antes que eu suba a bordo, teria a bondade de informar-me para onde está indo?
ROBERT: Estamos numa viagem de descobrimento em direção ao Pólo Norte. E quanto a você?
VICTOR: Peço desculpas; meu nome é Victor Frankenstein. Estou procurando por alguém que fugiu de mim... Um demônio.
ROBERT: (surpreso) Um demônio? (Rindo) Os únicos demônios que vi foram estes marinheiros imprestáveis. Homens, não sejam rudes para com nosso visitante: tragam-lhe cobertores e algo quente para beber e para comer.
CORO: É para já, senhor capitão!
VICTOR: Você é muito amável, obrigado. Mas devo prosseguir, não posso parar.
ROBERT: Você não está em condições de ir a parte alguma. Também eu não queria parar, e mesmo assim, aqui estou: subjugado pelas forças da natureza.
VICTOR: Você parece irritado.
ROBERT: Eu sacrificaria toda a minha fortuna, minha existência e minha última esperança pelo sucesso deste empreendimento. A vida ou a morte de um homem são um preço pequeno a se pagar pelo conhecimento que procuro.

⁶ Kafka, *Aforismo 5*.

VICTOR: Infeliz! Você compartilha da minha loucura? Escute-me, deixe-me revelar-lhe minha história.

ROBERT: Uma vez que não temos para onde ir por um bom tempo, ouvirei de bom grado seu relato.

VICTOR: Prepare-se para ouvir sobre ocorrências as quais a maioria consideraria difícil de acreditar.

Cena 2

Desaparecem o gelo, o barco e a tripulação: surge a mansão dos Frankenstein (Genebra). Victor começa a narrar sua história, da infância até seus estudos (seu interesse precoce por biologia, galvanismo e química – bem como por antigos tratados alquímicos). [Ária Victor]

VICTOR: Nasci em Genebra, e minha família é uma das mais distintas daquela república. Eu era filho único; mas quando tinha cinco anos meus pais adotaram uma menina: Elizabeth. Todos amavam Elizabeth – minha mais que irmã, já que até a morte ela estava destinada a ser somente minha. Muitos anos depois minha mãe voltou a engravidar, mas morreu ao dar à luz meu irmãozinho, William.

Foi duro aceitar a morte dela; esse desconforto me levou a interessar-me por medicina, física e química. Eu estava encantado em investigar as causas de todos os fenômenos, e o mundo se tornou um segredo a ser desvelado. Os segredos do céu e da terra, os mistérios físicos e metafísicos da existência.

Descobri as obras de alquimistas esquecidos: Cornelius Agrippa, Paracelsus e outros. Em pouco tempo eu estava sonhando seus sonhos: a busca pela pedra filosofal e o elixir da longa vida; que glória se eu conseguisse banir a doença do quadro humano e tornar o homem invulnerável à morte! Alquimia, galvanismo, eletricidade... tantas maravilhas sobre a terra!

Como pode ver, eu não era como as pessoas comuns, sonhando seus sonhos bobos e insignificantes;⁷ não: eu tinha planos especiais! Essa foi a razão pela qual, anos depois, decidi estudar na famosa universidade alemã de Ingolstadt.

Entram em cena o pai Alphonse, o amigo Henry, a prima e futura noiva Elizabeth e a amiga da família, Justine. Estão se despedindo de Victor, que se encontra de partida para prosseguir seus estudos universitários em Ingolstadt, na Alemanha. Intercalando-se, cada um lhe dirige demandas e recomendações: o pai fala em honrar o nome da família, Elizabeth está triste e preocupada, Henry sente por não acompanhá-lo [quarteto: Alphonse + Elizabeth + Justine + Henry]

(movendo-se à volta de Victor)

ALPHONSE: Meu filho, você deve honrar o grande nome de nossa nobre família!

⁷ Joseph Conrad, *Coração das Trevas*.

ELIZABETH: Justine, meu amado será roubado de nós!
JUSTINE: Apenas por alguns anos, Elizabeth, depois ele será seu para sempre.
HENRY: Como pôde planejar uma viagem dessas sem mim, seu melhor amigo? Impensável!
ALPHONSE: Sua mãe estaria tão orgulhosa de você!
ELIZABETH: Não sei por que, mas tenho um mau pressentimento a respeito disto. Algo está errado.
JUSTINE: Você sabe que ele a ama – e que você o ama; isso é tudo que importa. Posso ver vocês dois no dia do seu casamento!
HENRY: (brincando) Quem sabe, talvez você fique famoso; mas não se esqueça de compartilhar a boa sorte com seus amigos – refiro-me ao dinheiro, não às milhares de horas que passará estudando e trabalhando duro. Aproveite!
ALPHONSE: Princípios, meu filho! Não se esqueça de nossos princípios. Afinal de contas, temos uma tradição a zelar! Valores, nobreza! Busque a grandeza, nada menos.
ELIZABETH: Persiga seus sonhos, Victor, mas não perca o que o sustenta: atente para a Mãe Terra.
JUSTINE: Sua família sempre me acolheu com carinho – ainda carrego este adorável colar que pertenceu à sua mãe – sinto tanto a falta dela!
HENRY: Agora fora conosco, deixemos os pombinhos terem seu momento a sós. Até breve, querido Victor!
JUSTINE: Lembre-se de escrever!
VICTOR: Eu vou!

Victor e Elizabeth estão apaixonados e têm planos para o futuro; ele está empolgadíssimo com sua viagem e seus estudos: fala de grandes feitos, descobertas e glórias, enquanto ela confessa sua preocupação (tivera sonhos estranhos e maus pressentimentos). [dueto Victor + Elizabeth]

ELIZABETH: Noite passada tive um sonho tão ruim, Victor! Estávamos em Ingolstadt, você me abraçava; mas quando nos beijamos, meu lábios se tornaram lívidos com o sopro da morte. De repente você tinha não a mim em seus braços, mas o corpo de sua mãe.
VICTOR: Você e mamãe, amor e morte... Que sonho estranho... Mas eu derrotarei a morte.
ELIZABETH: Ninguém derrota a morte.
VICTOR: Serei pioneiro em novos caminhos, explorarei forças desconhecidas, revelarei ao mundo os mistérios mais profundos da Criação.
ELIZABETH: Quão modestos são seus planos... Mas diga-me: haverá lugar para paixão e amor ao longo de uma jornada tão árdua?
VICTOR: Quem busca a perfeição não pode permitir que paixão ou desejo transitório perturbem sua tranquilidade e paz de espírito.
ELIZABETH: Quer dizer que, em busca da vida, negará a sua própria... (Com sarcasmo) Você está sendo cientificamente racional nisso? Ou apenas obsessivo?
VICTOR: Não questione meus sentimentos por você; tenho uma missão, e para encontrar a paz preciso atravessar esse caminho.

ELIZABETH: Procurar e encontrar são dois caminhos diferentes, meu amor; olhe para o seu coração, não para sua ambição, ou se perderá num labirinto cheio de monstros.

VICTOR: Não há Minotauros lá fora; mas se os houver, tenho certeza de que minha Ariadne virá em meu socorro.

ELIZABETH: (Apontando para seu peito) E quanto ao que há aí *dentro*? (vendo seu diário de anotações) Ei, este é o seu diário? (ela o pega e começa a escrever uma declaração) "Victor ama Elizabeth".

VICTOR: Por favor, não – isso é sério, todas as minhas pesquisas estão anotadas aí.

ELIZABETH: (magoada) Então nosso amor não é sério o suficiente como para merecer um pequeno lugar entre seus escritos?

VICTOR: (fechando e guardando o diário) Não irei desapontá-la; em breve estarei de volta e você se tornará a esposa do famoso Dr. Victor Frankenstein.
(beijam-se e se vão)

Cena 3

Universidade de Ingolstadt. Dois pódiums: num, o professor Krempe (tradicionalista e um tanto retrógrado), no outro o professor Waldman (ousado e controverso, pois dá importância a estudos muitas vezes descartados, tais como a alquimia). Entre eles, os alunos (também Victor) acompanham o embate de ideias. [dueto Krempe + Waldman]

KREMPE: Meu nome é Krempe, professor de filosofia natural. Dou-lhes as boas-vindas a uma nova e iluminada era científica. Abram seus olhos, jovens, deixem a luz do conhecimento iluminar seus caminhos. Mas não tomem a lua pelo sol: estou falando do conhecimento racional, científico.

WALDMAN: Meu nome é Waldman, professor de química. Os antigos mestres desta ciência prometiam impossibilidades – para algumas pessoas, não passavam de sonhadores; mas, como escreveu Shakespeare, “Somos da mesma matéria que os sonhos, e nossas pequenas vidas estão cercadas pelo sono”.

KREMPE: Não gastem seu tempo precioso estudando nonsense. Nossa ciência é assunto sério, não um Hocus Pocus.

WALDMAN: Por séculos grandes homens penetraram nos recessos da natureza e mostraram como ela atua mesmo nos lugares mais secretos. Eles ascenderam aos céus e adquiriram novos e quase ilimitados poderes. Eles até simulavam o mundo invisível com suas próprias sombras.

KREMPE: Vocês estão aqui atrás de imortalidade, poder e glória? Sugiro-lhes cuidado: isto não é um templo religioso, vocês estão aqui para estudar medicina! Somos médicos, não shamãs. A César o que é de César, a Deus o que é de Deus.⁸

WALDMAN: De onde, pergunto-lhes, provém o princípio da vida? É uma questão complexa, questão considerada como um mistério. Estão dispostos a respondê-la? Até onde estão preparados para ir?

KREMPE: Não desperdicem seus cérebros com sistemas ultrapassados e nomes inúteis, não dêem ouvidos a charlatães; magia pode parecer bonitinha em livros

⁸ Marcos, 12:17.

infantis, mas não é nada para os pesquisadores sérios. Não é porque alguns livros têm mil anos que eles detêm a chave para os mistérios da natureza.

WALDMAN: Às vezes, para examinar as causas da vida, precisamos primeiro ter acesso à morte; como o verme herdou as maravilhas do olho e do cérebro.

KREMPE: Não se percam, permaneçam firmes no chão da realidade.

WALDMAN: Tenho a sensação de que mesmo que todos os possíveis problemas científicos sejam respondidos, os problemas da vida ainda não terão sido sequer tocados.⁹

KREMPE: Vocês devem se tornar homens de visão. E visão é a arte de ver o mundo visível.

WALDMAN: Vocês devem se tornar homens de visão. E visão é a arte de ver o mundo invisível.¹⁰

Cena 4

A – Laboratório. Meses se passaram. Victor está fazendo experimentos e divagando, ao mesmo tempo em que escreve anotações de trabalho em seu diário. Ao longo da cena, projeções envolvendo alquimia, anatomia, dissecações, galvanismo, química, eletricidade. [ária Victor]

VICTOR: Mergulhei, em meio às minhas divagações solitárias, nas cavernas da morte, buscando sua causa em seu efeito; e extraí de seus ossos dissecados, caveiras e esqueletos empoeirados as conclusões mais proibidas.¹¹

Estudei filosofia
E jurisprudência, medicina –
Até mesmo teologia –
De cabo a rabo e com lobarioso interesse;
E aqui estou, pobre tolo!,
Com todo o meu conhecimento,
Não mais sábio que antes.
Nem mesmo um cão suportaria
Tão indigna existência!
Por isso, da Magia busco agora assistência.
Foi um deus quem traçou estes sinais?
Serei eu um deus? – abram-se-me os olhos!¹²

Visita repentina de Henry, que fica preocupadíssimo com o estado físico e mental de Victor. Sob as perguntas do amigo, Victor confessa o que está tentando fazer: dar vida a um ser inanimado. Henry teme que o amigo esteja ficando louco. Victor, qual Dr. Fausto, fala dos limites da ciência e da necessária expansão e inclusão da alquimia e das ciências ocultas. Discutem questões morais e éticas nesse tipo de

⁹ Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*.

¹⁰ Jonathan Swift.

¹¹ Byron, *Manfred*.

¹² Goethe, *Faust*.

pesquisa, mas Victor está obcecado. Por fim, Henry desiste e vai embora. [dueto: Victor + Henry]

HENRY: Surpresa, meu amigo! Aqui estou para prestar-lhe uma visita, já que resolveu desaparecer da face da Terra. Seu pai e sua noiva estão preocupados com seu silêncio, e para ser honesto, eu também.

VICTOR: Estou muito ocupado, isso é tudo.

HENRY: Você está pálido, emaciado! O que aconteceu com você?

VICTOR: Grandes sonhos requerem grandes sacrifícios. Mas a estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria.¹³

HENRY: E procurando pelo conhecimento você se privou do descanso e da saúde? Olhe para você, sua aparência está péssima!

VICTOR: Após dias e noites de trabalho e fadiga, tornei-me capaz de restituir vida à matéria morta. Estou prestes a criar um ser como eu mesmo.

HENRY: Como você mesmo? O que quer dizer?

VICTOR: Pense, Henry: um novo ser humano! Estou tão empolgado! (mostra o corpo da criatura) Veja por si mesmo!

HENRY: Não creio que ele esteja tão empolgado quanto você – por que deveria, afinal está morto, não é mesmo? Você roubou esse corpo de um morgue ou de um cemitério?

VICTOR: Funerais por todo o mundo a cada minuto; milhares a cada hora, mortes demais no mundo.¹⁴ Um cemitério é vaidade transmutada em pedra.¹⁵ E eu estou farto de pedras.

HENRY: Eu estou farto de vaidades.

VICTOR: Uma nova espécie irá abençoar-me como seu criador e fonte. Nenhum pai pode merecer tão completamente a gratidão de seus filhos quanto eu serei merecedor da deles.

HENRY: Quer dizer então que tudo isto diz respeito a você?

VICTOR: Não, é muito maior que eu, é maior que a própria ciência; estou trabalhando com forças combinadas, incluindo magia.

HENRY: Pensei que você fosse um médico, não um místico.

VICTOR: Misticismo é apenas um nome que as pessoas usam para o que não conseguem explicar. Para obter sucesso descendi até as profundezas, combinando todas as tradições possíveis. Da alquimia ao shamanismo, do ocultismo ao esoterismo, da gnose ao sufismo e à kabbalah; árabes e gregos, persas e chineses, judeus e cristãos, budistas e muçulmanos: todos eles olharam para os mistérios, todos eles merecem minha gratidão.

HENRY: Bem, não tomarei parte nessa loucura. Talvez você tenha descoberto como recriar vida; mas temo que às custas da sua própria. Ali há um espelho: olhe para você! (sai)

(Victor se olha no espelho; toca-se e examina sua imagem, um tanto curioso-perplexo – mais tarde essa cena será repetida pela criatura)

¹³ William Blake, *As bodas do céu e do inferno*.

¹⁴ James Joyce, *Ulysses*.

¹⁵ Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser*.

B – Novamente sozinho, Victor volta ao trabalho. Numa cena ritualística, invoca as forças da terra – surge um coro de espíritos que começa a dançar e a cantar em volta da criatura até que esta, finalmente, se move. Ainda de olhos fechados, estende a mão e Victor vai ao seu encontro (por um segundo, performatizam o famoso quadro de Michelângelo no qual homem e Deus quase encostam seus indicadores). Victor entra em pânico, pois subitamente percebe a dimensão de seu ato. Apavorado, foge. [ária Victor + coro]

VICTOR: (olhando para o corpo da criatura) Aqui está você; todos os seus membros estão em proporção, todas as suas feições são belas!

Não apenas carne devo combinar, mas também palavras. Palavras mágicas, encantatórias. Aquele que conhece a força espiritual das letras e suas combinações secretas aprende a criar mundos. Mundos e palavras... No começo era a palavra, e a palavra estava com Deus, e a palavra era Deus.¹⁶ Como em cima, também embaixo; como dentro, assim fora; como o universo, assim a alma... Correspondência e ressonância... Das estrelas do céu às células do corpo.

Mas precisarei de ajuda... Espíritos da terra, eu vos invoco!
(recitando a invocação) Pelo criador do céu e da terra e de todas as coisas, visíveis e invisíveis; por Ele, que criou o homem a partir do barro da terra; pelos mais preciosos e inefáveis nomes do criador do cosmos, pelos quais estamos todos interligados, e que despertam temor em todas as coisas no céu, na terra e no inferno: Aa, Ely, Sother, Adonay, Cel, Sabaoth, Messyas, Alazabra e Osian. E por vossa virtude e capacidade e poder, e pelo vosso lugar sagrado, do qual o círculo é a forma, e por todas as figuras presentes em seu interior.¹⁷ Espíritos, eu vos invoco!

(Enquanto Victor recita a invocação, surgem três espíritos; eles começam a dançar e a cantar em volta da criatura)
CORO (ESPÍRITOS): Aqui estamos. Quem nos chama? Cuidado com aquilo que deseja!
Levante... levante... levante dos mortos... levante... levante... Acorde! Nós ordenamos!

VICTOR: (tomando e lendo de uma bíblia) “Nosso amigo Lázaro adormeceu; mas eu irei despertá-lo.”¹⁸ Acorde. Acorde!

CORO: Levante... levante... Desperte, criatura! Nós ordenamos!

(A Criatura começa a ter os primeiros movimentos)

VICTOR: Ele está se movendo! Está funcionando! (emocionado) Após tantos anos, tanto trabalho e estudo... e eis que você está aqui.

(ainda deitada, a Criatura abre os olhos, mas sem fitar seu criador; sua mão se estende em busca de algo, Victor também estende a sua – seus indicadores quase

¹⁶ João, 1:1

¹⁷ Richard Kieckhefer, *Forbidden Rites: A Necromancer's Manual of the Fifteenth Century*.

¹⁸ João, 11:11.

se tocam, como na famosa pintura de Michelângelo; subitamente, Victor entra em pânico)

VICTOR: Meus Deus, que foi que eu fiz?!? Seus olhos... Sou incapaz de suportar seu olhar. Toda a beleza dos meus sonhos de repente se esvaiu; horror sufocante e desgosto invadem meu coração... Elizabeth, Henry... vocês estava certos, e eu estava tão cego e surdo!

(apavorado, foge)

(enquanto isso, o coro canta e a criatura se levanta)

CORO (ESPÍRITOS):

Como aquele que, numa estrada abandonada,

Caminha cheio de medo e pavor,

E, ao voltar-se uma vez, segue adiante

Sem nunca mais olhar para trás,

Porque sabe que um demônio medonho

Se aproxima e vem em seu encalço.¹⁹

(gargalham e se vão)

A criatura se levanta; examina a si e ao seu redor, perplexa e curiosa. Encontra o sobretudo de Victor e o veste, percebendo nos bolsos objetos (papéis e um diário). Ainda atordoado, sai do laboratório em direção às luzes da cidade. [ária Criatura]

(movimentando-se com dificuldade, experimenta a voz, balbuciando; aos poucos, começa a formar as primeiras palavras)

Cr: Onde estou?

(olha ao redor, tateia os objetos)

Estou tonto, confuso. (chama e procura) Olá! Alguém aí?

Posso andar, posso pensar, posso falar...

Tenho consciência... E mesmo assim...

(olha-se num espelho; apalpa-se, praticamente repetindo os gesto anteriores de Victor)

O que sou? Quem sou eu?

(vê o casaco de Victor e o veste; percebe num de seus bolsos um pequeno livro – o diário –; folheia-o e o coloca de novo no bolso)

(olhando para fora, para as estrelas)

Luzes – tantas! Lindo... (tenta pegá-las mas não consegue)

(olhando agora para as luzes distantes da cidade)

Mais luzes... Casas... Pessoas...

(sai andando em direção às luzes da cidade)

¹⁹ Coleridge, *The Rime of the Ancyent Mariner* (citado no original por Mary Shelley).

Cena 5

Num quarto. Victor convalesce num leito, semi-delirante, enquanto ao lado Henry, Elizabeth e Justine discutem sobre o que teria acontecido; Henry conta o que sabe, Elizabeth lembra-se de seus pesadelos. [trio Henry + Elizabeth + Justine]

ELIZABETH: Diga-me a verdade, Henry: o que Victor estava fazendo em Ingolstadt? Já faz meses que ele voltou e ainda não disse uma palavra sobre o que aconteceu para afetá-lo tão profundamente.

JUSTINE: Ele costumava ser tão alegre, entusiástico, confiante; agora ele está sempre quieto, desconfiado, quase que assustado... E está sempre olhando à sua volta, como se estivesse esperando por algo ou alguém... É amedrontador!

ELIZABETH: Será que ele está paranoico? Às vezes o vejo com tremores. O médico disse que é uma febre nervosa – mas por que? Por favor, Henry, diga-nos o que sabe!

HENRY: Ele estava fazendo estranhos experimentos envolvendo vida e morte, e estava eufórico acerca de alguma incrível descoberta – coisas impossíveis, devo dizer. Mas ele estava febril, doente... Creio que estava alucinando, havia loucura em seus olhos.

ELIZABETH: Vida e morte... Ó Deus, meu sonho!

HENRY: Que sonho?

JUSTINE: Por favor, chega de falar em pesadelos macabros. O sol está brilhando lá fora, e logo nosso Victor estará melhor. Ele apenas precisa de descanso. Vou dar atenção ao jovem William, ele queria brincar de esconde-esconde de novo, adora! Vocês dois deveriam vir e brincar conosco – venham, será divertido.

Cena 6

A – Floresta escura. A criatura vaga sem rumo, lamentando-se dos sofrimentos e das injustiças que sofreu ao longo das últimas semanas junto aos homens, ao mesmo tempo em que observa as belezas da natureza. [ária Criatura]

Cr: (examinando uma flor, maravilhado) Lindo! Tão lindo! Os sons, os cheiros, as cores... O rio correndo, o vento soprando nas árvores.... Tantas maravilhas neste mundo. E mesmo assim... tanta tristeza... tanto ódio... tanta dor.

Ontem, ao ver-me, crianças gritaram, uma mulher desmaiou; a vila inteira ficou fora de si: alguns fugiram, outros me atacaram. Não entendo por que eles têm tanto medo de mim. Porque sou diferente? Mas todos os seres são diferentes!

Semana passada salvei uma garotinha... Ela estava rindo e correndo quando caiu num rio. Corri e a salvei da forte correnteza, levando-a até a margem. Um homem apareceu: mirou sua arma em minha direção e atirou. Desabei ao chão. Essa foi a recompensa por minha benevolência! Minha bondade e gentileza deram lugar a uma fúria infernal e a um ranger de dentes.

Agora prefiro a escuridão das florestas, longe dos homens, tendo o mundo à minha frente. Mesmo assim, um lugar seco para dormir seria bem-vindo.

(vendo subitamente uma casa) Lá – uma casa! Vamos dar uma olhada.

B – Encontra uma casa e ali se esconde. Do esconderijo, observa a sala de estar (uma enorme biblioteca) da família De Lacey: o Sr. De Lacey (um velho cego) e seus filhos, Agatha e Felix. [dueto: De Lacey + Agatha]

DE LACEY: (falando com Agatha) Bom dia, meu anjo. Onde está seu irmão Felix?

AGATHA: Lá fora, buscando lenha, logo estará de volta. Então, pai, de qual livro devo ler para o senhor hoje?

DE LACEY: Minha doce Agatha... deixe-me ver... acabamos de terminar *A Odisséia*... talvez *Don Quijote* ou a *Comédia* de Dante? Já sei: por que não algo de Shakespeare? *Rei Ricardo Terceiro!*

AGATHA: A escolha é sua. (encontra o livro e começa a ler; enquanto isso, desde seu esconderijo a Criatura ouve com atenção e crescente espanto)

Agora é o inverno de nosso descontentamento; (...)
Eu, que privado sou de toda justa proporção,
Enganado na formação pela natureza dissimuladora,
Disforme, inacabado, lançado antes de meu tempo
Para este mundo que respira, quando muito meio feito
E de tal modo imperfeito e tão fora de estação
Que os cães para mim rosnam quando, coxeando, por eles passo;
Pois eu, neste ocioso tempo de paz,
Não tenho deleite para passar o tempo
A não ser espiar minha sombra ao sol
E cantar minha própria deformidade.
E assim, já que não posso provar ser um amante
Nestes dias de práticas suaves,
Estou determinado a provar ser um vilão
E a odiar os prazeres vazios destes dias.

FELIX: (entrando na casa) Então estamos em clima de Shakespeare hoje?
Adorável!

AGATHA: Na verdade eu estava falando de você e do quanto você é feio... (risos)

FELIX: Bem, lamento ter que contar-lhe, mas uma vez que compartilhamos da mesma genética, você deve ter uma aparência tão horrível quanto a minha.

DE LACEY: Não reparei... talvez eu esteja ficando cego... (Felix e Agatha se entreolham por um instante, depois todos riem da piada e passam a arrumar a casa, sempre sendo atenciosos e carinhosos uns com os outros)

Cr: (falando consigo mesmo) Gentileza... afeto... risos... família! Oh, estou sentindo uma mistura de dor e de prazer tal como nunca senti antes. Nenhum pai olhou por mim, nenhuma mãe me abençoou com sorrisos e carinhos; ou, se o fizeram, toda minha vida passada é agora um branco, uma ausência cega na qual não distingo nada.

AGATHA: Venha, papai, vamos dar uma volta e aproveitar um pouco o ar fresco.
(saem os três)

C – Aproveitando que eles saem, a Criatura entra na biblioteca e começa a folhear os livros, encantada. Os títulos e autores vão aparecendo (na fala e nas projeções), frases dos livros são cantadas/citadas/projetadas. Arte e cultura vão transformando seu semblante, agora quase em êxtase. [ária Criatura]

Cr: Tantos livros! (vai abrindo e folheando um após o outro) Milton, *Paraíso Perdido*: “Acaso vos roguei, ó Criador, que do meu barro moldásseis um homem? Solicitei-Vos que das trevas viésseis alçar-me?”. William Blake: “No universo há coisas que são conhecidas e coisas que são desconhecidas; e entre elas, há portas”. Melville, *Moby Dick*: “Considere a sutileza do oceano; como suas mais terríveis criaturas deslizam sob a superfície, inaparentes na maior parte do tempo, e traiçoeiramente ocultas sob as mais adoráveis tintas de azul.” Goethe, *Fausto*: “Permaneeci parado, ó tempo: tu és tão belo!”.

Tanto conhecimento, tanta sabedoria, tanta beleza – e tão pouco tempo...

(ao ouvir que a família está voltando, corre de volta ao seu esconderijo)

O tempo vai se passando entre esconderijo, leituras e observação da convivência familiar. Cada vez mais ele sente necessidade de contato e amor, mas teme ser repudiado. [aria Criatura]

Cr: Uma família... um irmão, uma irmã... um pai! Tem que haver um jeito... Se ficarem sabendo que tenho um bom coração, que não sou perigoso... quem sabe...

Crio em minha imaginação mil fantasias sobre como me apresento a eles e como eles me recebem. Imagino num primeiro momento eles sentindo aversão, até que, graças às minhas maneiras gentis e palavras conciliadoras, alcanço sua simpatia e, mais tarde, seu amor. Pode funcionar... Preciso correr o risco! Assim que o gentil cego estiver a sós, falarei com ele.

D – Finalmente toma coragem e, aproveitando a ausência de Felix e de Agatha, vai conversar com o velho De Lacey. Ambos mantêm uma conversa profunda sobre visão e não visão, percepção, senso de realidade, sobre ser diferentes num mundo hostil. Afeiçoam-se, a Criatura cria esperanças. [dueto Criatura + De Lacey]

Cr: (batendo à porta)

DE LACEY: Quem está aí? Entre.

Cr: Perdoe-me a intrusão. Sou um viajante em busca de um pouco de descanso.

DE LACEY: Por favor, entre. Posso oferecer-lhe algo para comer?

Cr: Não, obrigado. Que lugar é este?

DE LACEY: O universo – ou o que Borges chamava de *A Biblioteca*.²⁰ Meu nome é De Lacey. E o seu?

Cr: Sou o sonho de alguém. Uma ficção.

²⁰ Jorge Luis Borges, *La biblioteca de Babel*.

DE LACEY: Mesmo ficções tem um nome....
Cr: Não eu.
DL: Seu pai não lhe deu um?
Cr: Ele não foi pai de modo algum.
DE LACEY: Então seu Grande Arquiteto o abandonou... Um destino mais comum do que você pode imaginar, meu amigo. Devo chamá-lo então de Sem-Nome?
Cr: Devo chamá-lo de Sem-Visão?
DE LACEY: Um homem pode ver o que acontece no mundo mesmo sem olhos. Veja com seus ouvidos.²¹
Cr: Tenho olhos e ouvidos, ouço e vejo beleza por toda parte – exceto onde habita o homem.
DE LACEY: Quando nascemos, choramos por ter vindo a este grande palco de loucos.²² Desafortunadamente, não há paraísos na Terra.
Cr: Os verdadeiros paraísos são os paraísos que perdemos.²³
DE LACEY: Sábio, mas triste... Você deve confiar em Deus.
Cr: Como você sabe que Deus é benevolente? Ele não foi exatamente gentil com Adão ao expulsá-lo do paraíso.
DE LACEY: Talvez Adão tenha sido um anjo.²⁴ Um anjo caído, como todos nós.
Cr: E como se supõe que um anjo caído encontre alegria neste mundo de sofrimentos? Sou uma criatura desertada; não tenho amigos na terra.
DE LACEY: Não ter amigos é algo realmente desafortunado.
Cr: Mas existem algumas pessoas – três delas – que poderiam tornar-se amigos. Elas nunca me viram e não sabem nada a meu respeito. Estou cheio de temores: se eu falhar nisto, serei um proscrito no mundo pelo resto dos meus dias.
DE LACEY: Onde residem esses amigos?
Cr: Próximo a este local.
DE LACEY: Há algo em suas palavras que me convence de que você é sincero. Irei ajudá-lo.
Cr: Meu grande e único benfeitor! Agradeço-lhe, e aceito sua generosa oferta.
DE LACEY: Posso saber os nomes e a residência desses amigos?
Cr: (temeroso e cheio de dúvidas) É chegada a hora! Você e sua família são os amigos que procuro.
DE LACEY: Por Deus! Quem é você?
(entram Felix e Aghata)

Felix e Agatha chegam e se assustam ao ver a Criatura: cruelmente, expulsam-na da casa. Novamente sozinho, sente-se ainda mais amargurado e revoltado; começa a sentir ódio da humanidade. Remexendo nos bolsos reencontra o diário de Victor. Decide-se: irá procurar e confrontar seu criador. [quarteto Criatura + De Lacey + Felix + Agatha / ária Criatura]

AGATHA: (assustada) O que é isso? Quem é esse estranho?
FELIX: (ameaçador) Sim, quem é você? Fale!
Cr: Por favor, não tenham medo. Eu sou...

²¹ Shakespeare, *Rei Lear*.

²² Shakespeare, *Rei Lear*.

²³ Proust, *O tempo reencontrado*.

²⁴ Harold Bloom, *Anjos Caídos*.

FELIX: (interrompendo) Caia fora! Saia já desta casa!
Cr: (agarrando-se ao velho e suplicando-lhe) Por favor, proteja-me! Conte-lhes que sou um amigo!
AGATHA: Não toque nele!
FELIX: Fique longe do meu pai!
DE LACEY: Ele é inofensivo. Deixem-no...
AGATHA: (ao pai) Você não sabe nada a respeito dele, como pode saber que ele é inofensivo? Se pudesse vê-lo, também estaria alarmado.
FELIX: Deixe esta casa imediatamente, eu lhe ordeno! (Felix e Agatha o expulsam da casa, ameaçando-o com armas)
AGATHA: (gritando) Vá embora! Fora!
DE LACEY: (perdido e impotente, quase em lágrimas) Me desculpe! Lamento tanto!
(a Criatura sai e eles fecham a porta às suas costas)

(Novamente sozinho, na floresta)
Cr: Amaldiçoado, amaldiçoado criador! Ai, esta doente impotência do desespero! Que foi que eu fiz para merecer tal destino? Onde antes havia amor e bondade, agora somente restou raiva e fúria. Vingança!, clama meu coração! Meu único desejo agora é espalhar escombros e destruição, e depois sentar-me e apreciar as ruínas. Deste momento em diante, declaro guerra eterna contra a espécie humana.

(lembra-se do diário de Victor; pega-o e começa a folheá-lo)

Cr: Maldito criador! Abominável o dia em que recebi vida! Por que você criou um monstro tão hediondo que até você se afastou de mim em desgosto? Ó pai, ó pai... por que te esqueces-te de mim?²⁵ Ó pai, ó pai... por que me abandonas-te? Na amargura do meu coração, eu o amaldiçoo, Victor Frankenstein!!! Victor Frankenstein, eu irei encontrá-lo!

Cena 7

A – Outra floresta. Justine procurando e chamando pelo pequeno William, que saiu de casa e aparentemente se perdeu. De repente, ela se depara com a Criatura; tem medo, mas ele a acalma e pergunta quem é e o que está fazendo. Ao saber que ela vive com a família Frankenstein, ele começa a contar uma história triste e comovente, ao fim da qual lhe pede o colar de presente para que possa ao menos ter dela uma lembrança, já que nunca poderá pedir por coisas tais como amor ou afeto. Ela entrega o colar e ele se vai. [dueto Criatura + Justine]

JUSTINE: William! William! Eu desisto, é hora de ir para casa agora. William, onde você está? Você está me assustando! A brincadeira acabou, volte, por favor! Estamos todos preocupados com você. Por favor, apareça, William! – Ó Deus, onde será que esse garoto se escondeu? Estou tão cansada... (exausta, recosta-se para descansar e adormece)

²⁵ Mateus, 27:46.

(Surge a Criatura, que a vê acormecida)

Cr: Que fêmea linda! Certamente uma dessas cujos sorrisos inebriantes estão destinados a todos menos a mim. (aproxima-se, sussurando em seus ouvidos)
Acorde, minha bela, seu amor está aqui – aquele que daria sua vida apenas para obter um olhar de afeição dos seus olhos. Amada, desperte!

(Justine desperta e grita de susto)

JUSTINE: Quem é você?

Cr: Apenas um caminhante – desculpe se a assustei. Eu a ouvi chamando por alguém; perdeu seu irmãozinho?

JUSTINE: Não meu irmão, mas sim, estou procurando por um menino – seu nome é William, ele tem oito anos.

Cr: William?

JUSTINE: William Frankenstein. (a Criatura arregala os olhos ao ouvir o nome)
Por acaso você o viu na floresta?

Cr: Não, não o vi. Mas não se preocupe, tenho certeza que o encontraremos – bem e saudável. E você, qual o seu nome?

JUSTINE: Eu me chamo Justine. Moro com a família Frankenstein.

Cr: Justine. Per...feito! Um belo nome para uma bela dama. E usando um colar tão bonito!

JUSTINE: (nervosa e olhando para os lados) Preciso ir, devo encontrar o jovem William.

Cr: Espere! Não há do que ter medo. Sempre sou julgado pela minha aparência – mas sou uma alma gentil, pode confiar em mim.

JUSTINE: Você é um estranho; não o conheço.

Cr: Não sou um estranho. (sedutor) Olhe nos meus olhos: tente ver para além da feiura, além das cicatrizes, além da pele pálida... e verá a MIM.

JUSTINE: Estou tentando... Mas tudo que vejo é escuridão.

Cr: Se não fosse pela escuridão, como poderíamos ver as estrelas brilhando? Se não fosse pela terra escura, como poderiam florescer as rosas?

JUSTINE: Perdoe-me, eu o ofendi.

Cr: Uma criatura como eu não tem o direito de sonhar... Um dia você pertencerá a um homem bem apessoado: seus lábios, suas carícias, seu coração, sua respiração... tudo pertencerá a ele, enquanto eu... Eu estarei sozinho, sempre sozinho: sem afeto, sem beijos, sem amor...

JUSTINE: Pobre homem... Espero que esteja enganado. Às vezes Deus nos conduz por veredas tortuosas.

Cr: (com escárnio) Deus?... Deus!... Eu não sei nada sobre Deus – e ele não se importa comigo. Mas talvez você se importe... Antes que eu me vá, tenho um pedido a lhe fazer, se me permite.

JUSTINE: Um pedido? Que tipo de pedido?

Cr: Nunca serei merecedor do seu amor ou da sua atenção; deixe-me ao menos ter algo de você, uma pequena lembrança, uma recordação – assim, quando eu olhar para ela, lembrarei de você e de suas suaves feições.

JUSTINE: Um presente? Mas não tenho nada para lhe dar.

Cr: Que tal esse colar?

JUSTINE: Não posso – foi um presente... A senhora Frankenstein o deu para mim muitos anos atrás. Ela faleceu...

Cr: Um símbolo de amor e de atenção... um gesto maternal... tal como eu nunca terei. A não ser que você seja generosa o suficiente... como para fazer uma triste criatura como eu sorrir ao menos uma vez na vida.

JUSTINE: (reflete, acariciando o colar, e entrega-o finalmente a ele) Você está certo. Por que não? Aqui, eu o dou a você. Cuide bem dele; espero que traga algum consolo em sua vida. A mulher que mo deu era nobre e gentil. Deixe a natureza dela guiar a sua.

Cr: (sorrindo maliciosamente) Ah, eu vou... eu vou... As melodias que ouvimos são doces, mas aquelas inaudíveis são ainda mais doces.²⁶ (despedindo-se em alemão) *Leb wohl, mein Shatz*²⁷.

(pega o colar e se vai)

B – Victor e Elizabeth, também procurando por William, ouvem gritos de uma multidão enfurecida, que vem arrastando Justine: o menino foi encontrado morto e, junto a ele, o colar de Justine. A multidão clama por justiça e ela é condenada à forca. [Victor + Elizabeth + coro]

VICTOR: William! Onde você está?

ELIZABETH: William! William! Oh, Victor, onde estará ele?

VICTOR: Não tema, nós o encontraremos!

(ouvem ao longe gritos de uma multidão enfurecida)

ELIZABETH: O que está acontecendo?

VICTOR: Não faço ideia.

CORO: Assassina! Assassina! Mandem-na para a forca!

(a multidão chega até onde estão Victor e Elizabeth; conduzem Justine amarrada e apavorada)

ELIZABETH: Justine! O que está havendo?

CORO (PESSOA 1): Foi ela!

VICTOR: Foi ela *o quê?*

CORO (PESSOA 2): A assassina!

ELIZABETH: Assassina de quem, pelo amor de Deus?

CORO: Do jovem William Frankenstein – o encontramos morto na floresta, e sobre seu corpo estava o colar dela. A prova da culpa! (gritando com Justine)

Assassina! Bruxa!

VICTOR: (consternado) William morto? Meu irmão? Impossível!

ELIZABETH: (desesperada, amparando Victor) Não pode ser! Tenho certeza de que é um engano

CORO: Ele está morto. (todos apontam para Justine) Eis aqui a assassina!

JUSTINE: Não! Não! Não!

ELIZABETH: Justine jamais machucaria William, eles sempre foram amorosos um com o outro! Isto é um horrível mal entendido – soltem-na imediatamente!

CORO: Ela é culpada. Para a forca! Para a forca!

VICTOR: (para Justine) Justine, diga-nos que isso não é verdade, por favor!

JUSTINE: Victor, Elizabeth! Ajudem-me! Eu estava procurando por William e de repente essas pessoas apareceram e me prenderam. Sou inocente, eu juro!

²⁶ Keats: *Ode a uma urna grega*.

²⁷ “Adeus, minha querida” (literalmente: viva bem, meu tesouro)

CORO: Sua bruxa maldita e mentirosa! Nós encontramos seu colar sobre o cadáver de William. Você será enforcada, assassina de crianças.

JUSTINE: Não fui eu! Eu jamais seria capaz de um crime tão hediondo. Oh, pobre William... Não posso acreditar que ele esteja morto. Vocês têm certeza?

CORO: Você sabe que ele está morto!

JUSTINE: Esperem um pouco... o colar! Eu vi um homem na floresta; uma criatura estranha, alta, pálida... muito assustadora! O colar... ele o queria e eu lhe dei. Foi ele! Precisamos encontrá-lo!

(ao ouvir a descrição da criatura, Victor subitamente se dá conta do que aconteceu; empalidece e começa a tremer, enquanto olha à sua volta, nervoso e indeciso sobre que atitude tomar)

ELIZABETH: Precisamos encontrar essa criatura! Por favor, libertem Justine, assegure-lhes que ela é inocente! Victor, diga alguma coisa!

VICTOR: Eu... eu.... (não consegue falar)

CORO: Para a forca! Para a forca!

(a multidão carrega Justine até o local onde um tribunal é improvisado)

C – Um tribunal é rapidamente improvisado. Prestes a ser enforcada, Justine diz-se inocente e fala da criatura, mas ninguém acredita nela (Victor quase entra em pânico, fica dividido mas, covardemente, se cala). Elizabeth tenta em vão dissuadir a multidão ensandecida. Não há clemência: Justine é julgada e enforcada. [Justine + Elizabeth + Victor + Juiz + coro]

(tribunal improvisado)

JUIZ: Justine Moritz, você está sendo acusada por bruxaria e pelo assassinato do infante William Frankenstein. Você confessa?

JUSTINE: Claro que não! Sou inocente! Por favor, vocês precisam achar a criatura que eu encontrei na floresta. Acho que foi ele!

CORO: Mentirosa! Mentirosa! Não há criatura alguma lá fora, exceto você!

VICTOR: (à parte) Oh William, pobre William, o que foi que eu fiz? Serei responsável por essa tragédia?

ELIZABETH: Eu a conheço desde que éramos crianças – ela seria incapaz de tal ato maligno.

JUIZ: Temos evidências, encontramos seu colar sobre a vítima.

ELIZABETH: Isso não prova nada.

JUIZ: Receio que sim, que prova.

CORO: Enforcuem-na! Enforcuem-na! Ela é uma bruxa!

JUSTINE: (para a multidão) Sou uma bruxa tanto quanto vocês são feiticeiros, e se tirarem minha vida, Deus lhes dará sangue para beber.²⁸

ELIZABETH: Victor, por favor diga-lhes que isto está errado!

VICTOR: (gaguejando) Não posso... Não posso...

ELIZABETH: Você sabe que ela é inocente!

VICTOR: Oh, William... meu pobre irmãozinho...

CORO: Enforcuem-na! Enforcuem-na! Enforcuem-na!

JUIZ: (para Justine) Eu a declaro culpada. Você foi sentenciada à morte.

²⁸ Últimas palavras de Sarah Good antes de ser executada por bruxaria em Salem, Massachusetts, em 1692.

(a multidão grita em júbilo)

ELIZABETH: Não!

JUSTINE: Muito bem. Mas antes de morrer, irei falar. Ouçam-me, homens de violência. Pena de morte é assassinato,²⁹ portanto os assassinos aqui são vocês, não eu! Vocês se vêem como “pessoas de bem”, e pessoas de bem estão sempre tão certas de terem razão... Mas vocês não estão certos!³⁰

CORO: Bruxa! Assassina!

JUSTINE: Estou prestes a morrer por um crime que não cometi, que outra pessoa cometeu. Eu sou inocente, inocente, inocente! Não se enganem quanto a isso! Não devo nada à sociedade; sou uma mulher inocente e algo muito errado está acontecendo aqui esta noite.³¹

CORO: Enforcuem a Bruxa! Enforcuem a Bruxa!

JUSTINE + ELIZABETH: Vocês são homens cruéis, estúpidos e brutais. Vocês chamam de bruxaria tudo que não podem entender, tudo que não podem suportar, tudo que não podem amar. Bruxas são suas esposas e irmãs, bruxas são suas mães e filhas. Bruxa é a parte feminina de vocês mesmos, a parte que não querem ver nem reconhecer. Vocês nos matam porque têm medo; vocês nos torturam porque são covardes; vocês nos envergonham porque são fracos.

CORO: O que estão dizendo? Enforcuem-na! Enforcuem-na!

JUSTINE: Eu lhe agradeço, Elizabeth, por ter sido amorosa comigo e por ter cuidado de mim. (Voltando-se para a multidão) O resto do mundo pode ir para o inferno! Eu não os perdôo – e espero que Deus também não.³²

CORO: Enforcuem a bruxa! Enforcuem a bruxa! Nós somos a justiça, e você foi sentenciada à morte!

(Justine é carregada pela multidão até a forca; o apoio sob seus pés é tirado e ela cai, morta. Nesse momento, orquestra e cantores subitamente silenciam)

FIM DO 1º ATO

- INTERVALO -

²⁹ Últimas palavras de Robert Drew antes de ser executado em 1983.

³⁰ Últimas palavras de Barbara Graham antes de ser executada em 1955.

³¹ Últimas palavras de Leonel Herrera antes de ser executado em 1993.

³² Últimas palavras de um condenado antes de ser executado.

2º ATO

Cena 8

Local gelado e com neve (espécie de duplo da paisagem ártica do começo e do final). Victor perambula em busca da criatura num misto de ódio, terror, medo e desejo de vingança. Finalmente se encontram. A conversa entre os dois passa por vários momentos (incriminações, acusações, lamúrias, explicações). Ao final do diálogo, a Criatura impõe sua condição para não seguir atormentando a família de Victor: que este lhe crie uma companheira. [dueto: Victor + Criatura]

(Em um cenário "magnificamente desolado", Victor procura pela Criatura)

VICTOR: (chamando em voz alta) Onde você está? Eu sei que você está me seguindo! Vamos, apareça, seu monstro covarde. Como pôde se atrever a matar meu irmão? Um menino! Uma criança indefesa e inocente!

Cr: (aparecendo de surpresa) Ninguém é inocente.

VICTOR: Demônio desgraçado! Vou matá-lo!

Cr: Eu deveria ser seu Adão, mas estou mais para anjo caído.

VICTOR: Você deveria ser grato, eu lhe dei a vida!

Cr: Gratidão é apenas uma forma suave de vingança.³³

VICTOR: Você me reprova por sua criação; então venha para que eu possa extinguir a centelha que tão negligentemente concedi.

Cr: (apontando uma arma) A vida, embora possa ser somente angústia, me é cara, Frankenstein, e irei defendê-la.

VICTOR: Seus atos estão além do perdão.

Cr: Fui bom e benevolente, mas a penúria fez de mim um inimigo. Faça-me feliz e talvez eu volte a ser virtuoso.

VICTOR: Virtuoso? Você matou William! Ele não fez nada para ninguém; era inocente!

Cr: Também eu era inocente, até que o mundo me ensinou o ódio. Numa região escura de horrores, selvageria descomplicada pode ser um verdadeiro alívio.³⁴

VICTOR: Pobre diabo! E você matou Justine também!

Cr: Quem é o demônio agora? Você teve a chance de salvá-la; seu silêncio a matou.

VICTOR: Criatura ardilosa, assassino!

Cr: Você me acusa de assassinato, e mesmo assim você destruiria sua própria criatura; como se atreve a brincar assim com a vida? Você e sua espécie me desprezam e me odeiam; não devo então odiar aqueles que me abominam?

VICTOR: Quer dizer que você me quer para bode expiatório de todos os seus infortúnios? Devo me desculpar porque a vida não foi amigável com você? Não, você é imperdoável, não há desculpa para o que você fez – mesmo que o mundo e a espécie humana lhe tenham sido malvados.

Cr: Estou desapontado: ao ler seu diário, tive uma imagem melhor de você.

³³ Nietzsche, *Humano demasiadamente humano*.

³⁴ Joseph Conrad, *Coração das Trevas*.

VICTOR: Então foi assim que me encontrou... O que quer de mim?

Cr: Certa compensação. Sou solitário, e pelo que vejo, assim permanecerei para sempre. Portanto: você deve criar uma mulher para mim, com a qual eu possa viver e compartilhar minha vida.

VICTOR: Eu me recuso. Criar outro ser como você, cuja malignidade possa desolar o mundo? Esqueça!

Cr: Devo respeitar o homem quando ele me condena? Não me submeterei à escravidão abjeta. (furioso) Vou me vingar das injúrias que sofri: se não posso inspirar amor, que eu cause medo.

VICTOR: Acalme-se e responda-me: onde vocês dois iriam viver? Nas cidades, junto às pessoas normais?

Cr: Normais? (risos) Ninguém é normal, Frankenstein; um monstro vive oculto até na mais doce das criaturas, acredite-me.

VICTOR: Você almeja as alturas, sua alma anseia pelas estrelas; mas seus instintos perversos também anseiam pela liberdade.³⁵ Perigoso demais... Tem que haver outro jeito... Eu não posso...

Cr: (suplicando) Ó meu criador, faça-me feliz; deixe-me sentir gratidão por ao menos um benefício! Deixe-me saber que provoco simpatia em pelo menos um ser; não negue meu pedido!

VICTOR: Sinto que há certa justiça em seu argumento. Como seu criador, devolhe ao menos um pouco de felicidade. Ainda assim...

Cr: Se você consentir, nem você nem nenhum outro ser humano nos verá novamente: irei às mais longínquas vastidões selvagens da Terra. Minha vida escorrerá quietamente e, na hora de minha morte, não amaldiçoarei meu criador.

VICTOR: Eu concordo com seu pedido – sob seu solene juramento de abandonar para sempre a vizinhança dos homens assim que eu lhe entregar uma companheira, que o seguirá em seu exílio.

Cr: Eu juro, pelo fogo do amor que consome meu coração. Comece a trabalhar. Eu estarei observando seu progresso.

(olham-se por alguns instantes, depois a Criatura rapidamente se vai. Victor desaba, arrependido e apavorado com o significado de sua promessa)

VICTOR: (sozinho) Isso só pode ser um pesadelo! Ó Deus: tudo de novo, e de novo, e de novo... Que foi que eu fiz?

Cena 9

Num interior. Elizabeth, Henry e Alphonse tentam descobrir o que está acontecendo, mas Victor apenas afirma que precisa viajar imediatamente. Tentam dissuadi-lo (Elizabeth continua tendo maus presságios, o pai não entende que ele viaje ao invés de consolar a família em luto). Elizabeth acha que Victor não mais a ama, e ele se compromete a casar-se com ela assim que voltar. Henry se prontifica a acompanhá-lo. [quarteto Victor + Elizabeth + Henry + Alphonse]

(enquanto Victor arruma suas malas, os outros à sua volta tentam dissuadi-lo a não partir)

³⁵ Nietzsche, *Zarathustra*.

ALPHONSE: Meu filho, o que você está fazendo? Este não é o momento de viajar: estamos de luto por seu irmão – e por Justine (ainda nutro esperanças de que ela era inocente). Fique com sua família, por favor; Elizabeth precisa de você – eu preciso de você!

VICTOR: Lamento, mas preciso ir... Serão apenas algumas semanas...

ELIZABETH: Você sabe de algo que não sabemos; o que é?

HENRY: Sim, Victor, diga-nos o que está acontecendo!

VICTOR: Eu lhes asseguro, é pelo bem de todos nós, mas não posso explicar agora. Vocês terão que confiar em mim.

ELIZABETH: Confiar em você? Como, se tudo que faz é rodear-se de segredos e mistérios? Ah, agora entendo... (com sarcasmo) você tem negócios importantes que não pode nos contar... (ciumenta e com raiva) Talvez uma esposa em algum lugar? Outra família? Filhos?

VICTOR: (indignado) Não seja ridícula! Você e eu estaremos casados muito em breve.

ELIZABETH: Quando? Quando? Você nunca tem tempo!

ALPHONSE: Confesso, meu filho, que sempre ansiei por vê-lo casado; tenho grandes expectativas quanto à sua união.

ELIZABETH: (subitamente indignada com Alphonse) O *senhor* tem expectativas? E quanto às *minhas* expectativas? Por que nunca sou indagada quanto aos *meus* planos, *meus* sonhos, *minhas* esperanças?

HENRY: Elizabeth, posso afirmar com segurança o quão profundamente Victor a ama; não tenha dúvidas em relação a isso!

ELIZABETH: Isto não tem a ver com dúvidas, Henry, tem a ver com respeito!

VICTOR: Por favor, acalme-se! Alguns assuntos requerem minha atenção imediata, isso é tudo. Dêem-me algumas semanas para ajeitar tudo e, assim que estiver de volta, Elizabeth e eu nos tornaremos marido e mulher.

HENRY: Eu irei com você; pode precisar de ajuda.

VICTOR: Meu caro Henry, agradeço, mas devo ir sozinho.

HENRY: Não estou pedindo, estou informando: eu e você vamos juntos.

ELIZABETH: (angustiada) Victor, não sei o que está acontecendo, mas por favor tenha cuidado. Acabamos de perder William e Justine, algo terrível está à nossa volta. Posso sentir!

VICTOR: É por isso que preciso partir. Reze por nós, meu amor.

Cena 10

A – Num outro laboratório. Henry novamente tem perguntas, mas Victor é sempre evasivo. Pede para ficar sozinho, pois precisa pensar e trabalhar. [dueto Victor + Henry]

HENRY: Você vai me contar que diabos está fazendo?

VICTOR: Não.

HENRY: É o mesmo que estava fazendo em Ingolstadt, não é?
(Victor olha mas não diz nada)

HENRY: Diga-me como posso ser útil.

VICTOR: (impaciente e nervoso) Por que não sai para dar uma volta? Preciso ficar sozinho.

HENRY: Algumas vezes você está triste e melancólico, outras impaciente e enraivecido; às vezes desanimado e deprimido, às vezes ansioso e perturbado. Você não está nada bem, meu amigo.

VICTOR: (exasperado) Não tem a ver comigo, mas com a tarefa à minha frente! Antigamente queria fama, glória, milagres... mas agora, meu único desejo é reconquistar a paz. Não desperdice seu tempo comigo – sou um pobre miserável perseguido por uma maldição que me impede todo e qualquer acesso à felicidade.

HENRY: Uau! (zombando e batendo palmas de brincadeira) Victor Frankenstein!!! Isso foi realmente dramático. Sabe do que você precisa? De uma mulher. Isso e alguma bebida, claro; nenhum problema resiste ao sexo e ao álcool, acredite-me! (ri sozinho)

VICTOR: (cansado) Peço desculpas se não estou no clima para brincadeiras. Agora me dê licença, eu realmente preciso ficar a sós.

HENRY: Ok, ok. Seu melhor amigo – eu – estará lá fora, bebendo sozinho em sua homenagem. Enquanto isso, tente não se afogar em seus tubos de ensaio ou em sua autopiedade. Não fique tão sério: a vida é uma peça, reescreva sua história. Agora deixo-o a sós.

(Henry sai)

B – Victor tem crises de consciência, entra em conflito: criar ou não criar outro ser? Finalmente, decide-se por destruir tudo: incendeia o laboratório e o novo ser. Surge então a Criatura e travam novo embate de palavras. Ambos juram vingança e destruição. [ária Victor / dueto Victor + Criatura]

VICTOR: Como posso trabalhar com o sangue de William e de Justine em minhas mãos? Angústia, desespero, remorso – apenas esses sentimentos dominam meu espírito. Estou sempre inquieto e nervoso, temo a qualquer momento me deparar com aquele que me persegue. Sinto como se tivesse cometido um crime terrível; provavelmente cometi...

(retira o lençol que cobre o corpo morto de uma mulher)

VICTOR: Estou prestes a criar outro ser, cuja índole também desconheço; ela pode vir a se tornar dez mil vezes mais maligna que seu companheiro. Ele jurou abandonar a convivência com a humanidade e se esconder nos desertos; mas ela não prometeu nada, e pode se recusar a cumprir um pacto firmado antes de sua criação. Eles podem até vir a se odiar, ela pode abandoná-lo e ele ficar novamente sozinho, exasperado pela provocação de ter sido deserdado por alguém de sua própria espécie. E se tiverem filhos, uma raça de demônios pode se propagar sobre a Terra. Acaso tenho eu o direito, em meu próprio benefício, de impingir essa maldição às gerações vindouras? Não, não e não!!! Não o tenho. Chega dessa loucura! Vou por um ponto final nisso – aqui e agora!

(cobre o cadáver com líquido inflamável e coloca fogo, que logo se espalha pelo laboratório. Em meio às chamas, surge a Criatura)

Cr: (gritando) Não!!!! Você se atreve a quebrar sua promessa?

VICTOR: Sim, eu a quebro; nunca criarei outro ser igual a você!

Cr: Eu suportei agonia e desespero, frio e fome, para nada? Você se atreve a destruir minhas esperanças? Escravo, tentei ser razoável com você, mas você provou não ser merecedor de minha condescendência. Lembre-se de que possuo poder; você se acha miserável, mas posso fazê-lo tão mais desgraçado que a luz do dia lhe será odiosa. Você é meu criador, mas eu sou seu mestre – obedeça!

VICTOR: Você percorreu o caminho desde verme até homem, mas muito de você ainda é verme.³⁶ Estou firme em meu propósito, e suas palavras apenas exasperam meu ódio.

Cr: Homem!, você pode odiar, mas cuidado: suas horas passarão em horror e medo, e logo um raio o atingirá, levando consigo sua felicidade para sempre. Deve você ser feliz enquanto eu me remôo em minha desgraça? Você pode destruir minhas outras paixões, mas a vingança permanece.

VICTOR: Não sou um covarde para ceder às suas palavras. Deixe-me ou mate-me. Acabe com isso agora!

Cr: Ainda não, mas em breve. Estarei com você na noite de seu casamento.

VICTOR: (enquanto a Criatura se vai) Antes de escrever meu atestado de óbito, esteja certo de sua própria segurança!

Victor sai à procura de Henry, mas para seu horror descobre que o amigo foi assassinado. Passantes o encontram com o corpo nos braços e começam a persegui-lo aos gritos de 'assassino'. [Victor + coro]

VICTOR: (saindo do laboratório em chamadas) Eu vou pará-lo! Contratarei um exército e ele será exterminado! Henry, onde você está? Precisamos voltar para casa. Henry, Henry!

(procura em vários lugares até que, para seu horror, encontra o amigo morto)

VICTOR: (gritando) Não!!!! Ó Deus, você não, Henry! Meu amigo, meu mais querido companheiro. (chora, soluçando) Talvez eu consiga fazê-lo viver novamente... o que acha? Deus, estou enlouquecendo... meu Henry, você não, você não...

(aparecem algumas pessoas)

CORO: Vejam! Alguém foi morto! E o assassino ainda está lá! Prendam-no, não o deixem escapar! Assassino! Assassino! Ele tem que ser preso! Não o deixem escapar! – Onde ele está?

(perseguem-no com armas no intuito de linchá-lo, mas Victor consegue escapar)

Cena 11 [intermezzo]

Novamente no Ártico. Victor, acamado, conversa com o capitão Walton. Refletem sobre certo e errado, culpa e responsabilidade. Àquela altura dos acontecimentos, deveria Victor voltar para casa (e pôr a família em risco)? Ou fugir para sempre? Para ele, a ameaça da Criatura fora de matá-lo durante ou após o casamento (ingenuamente, não percebe a possibilidade de a Criatura assassinar outros que não ele mesmo). Resolve ao fim pela volta, decidido a matar a criatura ou a deixar-se matar por ela. [dueto Victor + Robert]

³⁶ Nietzsche, *Zarathustra*.

ROBERT: Então você conseguiu fugir – e depois voltou para casa.
VICTOR: Não de imediato. Como poderia olhar novamente para minha família sabendo que fora o responsável pelas mortes de William, de Justine e agora também de Henry? Eu estava consumido pela culpa e pela vergonha.
ROBERT: Por que não contou sua história às autoridades? Eles poderiam ter ajudado a encontrar e a destruir a criatura.
VICTOR: Eu tentei; eles riram de mim, pensando que eu fosse um louco. Não, eu estava sozinho; tão sozinho quanto a própria criatura. E igualmente amaldiçoado. Eu carregava um inferno dentro de mim o qual nada era capaz de extinguir.³⁷
ROBERT: Você estava perante uma decisão difícil: voltar para casa ou fugir para sempre... Como proteger seu pai e sua noiva: ficando perto deles ou indo para longe?
VICTOR: O dilema me torturava! Finalmente, decidi-me por voltar. Afinal de contas, eu prometera a Elizabeth – e essa promessa eu não estava disposto a quebrar.
ROBERT: E quanto à ameaça da criatura? Não foi algo envolvendo o seu casamento?
VICTOR: Após ter causado tanto sofrimento, cheguei à conclusão de que a morte era o destino que eu merecia. Na verdade, eu desejava morrer – como pagamento pelas minhas dívidas de sangue.
ROBERT: Algo estava esperando por você na escuridão, uma parte de você mesmo a qual não podia negar.³⁸ Ou seja: você partiu rumo ao seu casamento ansiando pela própria morte como uma punição merecida.
VICTOR: Sim.
ROBERT: Condições extremas conduzem a medidas extremas. Veja meu caso e o do meu navio: devo prosseguir ou devo retornar? Ambos os caminhos oferecem riscos e consequências...
VICTOR: Você ainda tem uma escolha; eu não tinha mais: o ponto de não-retorno havia sido alcançado. Tudo que eu tinha era a esperança de que surgisse uma chance de matá-lo.
ROBERT: Todo aquele que combate monstros deve atentar para, nesse processo, não tornar-se ele mesmo um monstro. Quando você olha para o abismo, o abismo olha para você.³⁹

Cena 12

De volta a Genebra, preparativos para o casamento. Victor está armado e à espera de que a qualquer momento surja a Criatura. Numa conversa a sós com Elizabeth, esta o obriga a dizer o que está acontecendo. Ele conta. Primeiro ela o recrimina e humilha (a ele e à arrogância científica), depois o perdoa, mas impondo uma condição: ele deve trazer-lhe a cabeça da Criatura. [dueto Victor + Elizabeth]

³⁷ Marlowe, *Doutor Fausto*.

³⁸ Alice Hoffman, *O museu das coisas extraordinárias*.

³⁹ Nietzsche, *Além do bem e do mal*.

ELIZABETH: (enquanto prepara arranjos e enfeites para o casamento) Será uma cerimônia adorável! Um momento de luz e calor para confortar nossos corações depois de tantas perdas sofridas. William, Justine... e agora esse terrível acidente nas montanhas que tirou a vida de Henry... o bom e velho Henry.

(Victor, esforçando-se por ocultar que está fortemente armado, olha para o chão, sentindo-se culpado com a mentira inventada; volta a caminhar pelos aposentos, olhando sempre pela janela à procura da Criatura)

VICTOR: Tantas tragédias...

ELIZABETH: Você está ausente, tenso. Tente relaxar, você agora está em casa, seguro. E finalmente iremos nos casar! Você não está feliz?

VICTOR: Claro que estou! É só que...

ELIZABETH: (subitamente desconfiada) O que você está escondendo de mim? Diga-me, agora!

VICTOR: Guardo um segredo, Elizabeth, um segredo terrível. Mas se o contar... você nunca poderá me perdoar e eu perderei seu amor.

ELIZABETH: O que está errado? Por favor, conte-me a verdade!

VICTOR: A verdade pode ser repulsiva e desagradável ao extremo.⁴⁰ Em Ingolstadt... meus experimentos... Eu obtive sucesso, Elizabeth! Dei vida a um cadáver! Foi um milagre! Mas quando a criatura despertou para a vida, eu me apavorei e fugi... como uma criança assustada! Horas depois voltei, mas ela já se tinha ido. Meses depois ele reapareceu, fazendo-me a mais louca das exigências: eu deveria criar-lhe uma companheira – caso contrário, procuraria vingança. Eu até tentei – foi a razão pela qual tive que viajar novamente –, mas não pude levar o projeto a cabo...

ELIZABETH: Espere aí... Justine falou sobre uma criatura alta na floresta... Você sabia e não fez nada!!! Seu mentiroso, seu silêncio a matou!

VICTOR: (desesperado) Eu sei, eu sei! Você tem todo o direito de me culpar – eu mesmo o faço! Mas naquele momento não estava ainda certo de que tinha sido a criatura, e eu estava em choque com a notícia da morte de William, eu mal conseguia falar...

ELIZABETH: E Henry? Foi a criatura também?

VICTOR: Sim, como punição porque eu... Por favor, me perdoe... Fui fraco, eu sei... fui...

ELIZABETH: (interrompendo, furiosa) Você foi mais que fraco: você foi um monstro, um covarde desprezível! Como pôde? Você e sua ciência nojenta! Você pensa estar acima da humanidade, acima das leis, acima da vida e da morte; mas não está, está me ouvindo? Seu egoísmo e sua arrogância irão nos matar a todos. Está feliz agora? Está orgulhoso de si mesmo?

VICTOR: Vou queimar no inferno, Elizabeth, eu sei; mas nada é pior do que saber que perdi seu amor.

ELIZABETH: (exaurida, triste) Você não perdeu. Ainda sou sua, Victor. Mas precisarei de tempo... Quanto a essa criatura... Caçador e presa, presa e caçador... ódio e amor às vezes produzem os mesmos efeitos... (com sarcasmo) Devo ficar com ciúmes?

VICTOR: Claro que não, eu...

⁴⁰ Nietzsche, *Cartas*. (B 2,60)

ELIZABETH: (rígida) Nem mais uma palavra! Apenas prometa que irá matá-lo. Prometa-me!

VICTOR: (mostrando as armas) Eu prometo!

ELIZABETH: (esvazia uma taça de bebida e a atira longe) Agora deixe-nos celebrar nosso casamento, meu amor. Se preciso for, dançaremos sobre sangue.⁴¹ Mas tenho ainda uma exigência: como presente de casamento, quero a cabeça da criatura servida numa bandeja de prata. Você me ouviu? Você me trará a cabeça dessa besta insidiosa servida numa linda bandeja de prata!⁴²
(Victor não diz nada, apenas a olha, assustado)

Cena 13

As bodas. [momento mais festivo e descontraído, com danças] Mescla de sentimentos: a felicidade pela união, o luto pelos mortos, a apreensão pela possível intromissão da Criatura. O momento da cerimônia. [orquestra + coro religioso]

(Os convidados dançam – klezmer)

(A dança para e começa a cerimônia – coro em latim)

CORO: "... Et Spiritus et sponsa dicunt: Veni. Et qui audit, dicat: Veni. Et qui sitit, veniat: et qui vult, accipiat aquam vitae, gratis."⁴³

(Terminada a cerimônia, a dança retorna; enquanto as pessoas se retiram, Elizabeth e Victor se dirigem ao quarto nupcial).

Cena 14

Noite de núpcias, um quarto [do lado de fora, uma tempestade]. Victor e Elizabeth estão felizes. Ele sai para fazer uma ronda de segurança. Mal ele sai, adentra o quarto a Criatura. Longa conversa entre ele e Elizabeth, que alternadamente tenta dissuadi-lo, ameaçá-lo, seduzi-lo. Sorrateiramente, pega uma faca e tenta matar a Criatura, mas apenas a fere; ele então a estrangula. [dueto Criatura + Elizabeth]

ELIZABETH: Casados, finalmente casados! Consegue acreditar nisso?

VICTOR: É como um sonho! Mas um belo sonho, não como um daqueles seus pesadelos.

ELIZABETH: Eu quase esqueci... os pesadelos que eu tinha antes de Ingolstadt... Premonições de morte...

VICTOR: Desejaria poder voltar no tempo... William estaria ainda vivo – e Justine, e Henry...

⁴¹ Oscar Wilde, *Salomé*.

⁴² Oscar Wilde, *Salomé*.

⁴³ APOCALIPSE 22:17 ["O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida."]

ELISABETH: Tempo é um presente que foi roubado deles... E falando em desejos: não se esqueça de sua promessa!

VICTOR: Não esquecerei! Vou lhe trazer a cabeça da criatura. Muito em breve, meu amor.

ELISABETH: Quero a cabeça dele servida numa bandeja de prata! Brindo a isso! E espero que seu sangue tenha um gosto tão bom quanto o deste vinho.

VICTOR: Vou dar uma olhada ao redor e checar se os guardas estão em seus postos.

ELISABETH: Não demore muito: é nossa noite de núpcias.

(Ele beija a mão dela em despedida e sai.
Instantes depois, entra sorrateiramente a Criatura)

Cr: Você deve ser Elizabeth.

ELIZABETH: (surpresa, fica inicialmente petrificada) E você deve ser... Me desculpe, não sei o seu nome.

Cr: Seu marido não me deu um. Quão rude da parte dele, não acha?

ELIZABETH: Realmente.

Cr: Diga-me: se ele é meu pai, então você é minha mãe?

ELIZABETH: Você quer que eu seja sua mãe?

Cr: Mãe, irmã... amante... Quantos papéis pode desempenhar uma mulher?

ELIZABETH: Victor e seus guardas chegarão a qualquer momento, é melhor que você vá agora.

Cr: (passeando pelo quarto) Temos tempo. Frankenstein é um homem de sorte: você é tão linda!

ELIZABETH: (sem jeito e ainda assustada) Obrigado.

Cr: Uma pena que você não possa retribuir o elogio: quando ele me criou, beleza estética não estava em sua lista de prioridades.

ELIZABETH: Existem outras formas de beleza. A interior, por exemplo.

Cr: E em que tipo de espelho devo contemplar uma coisa dessas?

ELIZABETH: (mais segura agora, tentando tomar as rédeas da situação) Você pode enxergar-se através dos meus olhos.

(ele se aproxima, fitando-a nos olhos)

ELIZABETH: (numa voz doce, apelando para sua humanidade) Consegue ver? Sua bondade, sua doçura, sua humanidade...

Cr: Humanidade pode ser qualquer coisa menos doce.

ELIZABETH: Mas você pode ser melhor que as pessoas comuns. Você pode tornar-se um modelo, você pode mostrar-nos o caminho para a compaixão, para o perdão, para a piedade...

Cr: Não, eu não posso. Tarde demais para isso!

ELIZABETH: (mais séria e quase ameaçadora) Se você continuar ferindo as pessoas, elas se vingarão: você será caçado, torturado, morto. Não se engane quanto a isso!

Cr: (sorrindo, sem medo algum) Já estou acostumado.

ELIZABETH: (subitamente boazinha e sedutora – enquanto fala, discretamente se aproxima de uma mesa e pega escondido um punhal) Mas se você for bom e gentil, as pessoas irão gostar de você... **Eu** irei gostar de você.

Cr: (cínico) Quão tentador.

ELIZABETH: Estou falando sério. Você não é feio como pensa. (cada vez mais sedutora e envolvente). Na verdade... você é alto, forte, poderoso...

Cr: (incomodado) E você está tentando me manipular.

ELIZABETH: Não percebe? Os *homens* têm manipulado você, não as mulheres. Sou uma vítima, tanto quanto você! E sempre foi assim: no Jardim do Paraíso, foi graças à mulher que a humanidade teve acesso à Árvore do Conhecimento; Eva foi uma heroína – assim como Prometeu foi um herói! Mas aos olhos dos homens Eva foi culpada e envergonhada, enquanto Adão – pobre Adão – foi apenas uma vítima indefesa. Até a palavra “maligno” [*evil*] os homens extraíram de Eva: *Eve-Evil, Evil-Eve*... Homens são maus, homens são mentirosos, homens são fracos; mas nós, mulheres, não o somos.

Cr: Sou um homem também...

ELIZABETH: Não, você não é. (aproximando-se mais dele, pegando em seu braço, acariciando seu rosto) Você pensa ser Adão, mas está enganado: você é como eu. Nós dois somos Eva!

(a Criatura fica confusa, insegura)

Cr: Não sou o que eu sou.⁴⁴

(Elizabeth o abraça, ele aceita o abraço; nesse momento, ela pega o punhal escondido e o enfia nele, mas de mau jeito, de forma que o fere mas não o mata. Ele urra de dor e fúria por ter sido enganado. A Criatura agarra Elizabeth e a estrangula)

O pai de Victor bate à porta e entra; é surpreendido e assassinado pela Criatura. Victor chega logo depois e encontra ambos mortos. [Alphonse, Victor]

(Mal Elizabeth morre, Alphonse começa a chamar e a bater à porta)

ALPHONSE: Elizabeth! Victor! Vocês estão bem? Ouvi vozes.

(abre a porta e se depara com Elizabeth morta)

ALPHONSE: Ó meu Deus! Elizabeth!

(A Criatura surge por trás e passa o punhal na garganta de Alphonse, matando-o. Logo em seguida, foge. Victor retorna)

VICTOR: Elizabeth, estou de volta! Agora espero vê-la dançar para seu... (vê a cena, horrorizado) Elizabeth! Pai! (abraça-se a Elizabeth e urra de dor, culpa e raiva) Não! Não! Não! Você tirou tudo que eu tinha, tudo que eu amava! Eu lhe dei vida, eu o criei – e como recompensa você destrói o meu mundo? Como se atreve? Eu vou matá-lo, está ouvindo? Vou encontrá-lo e matá-lo, vou persegui-lo até o fim do mundo se preciso for! Vou destruí-lo, criatura maldita!

(Cena de transição: enquanto Victor recita uma invocação de vingança, espíritos dançam e rastejam à sua volta. Aos poucos, desaparece o quarto onde estavam e ressurge o Ártico gelado)

VICTOR: (ajoelha-se em prece, invocando os espíritos) Pela Terra sagrada sobre a qual me ajoelho, pelas sombras que vagam à minha volta, pelo luto profundo e eterno que sinto, eu juro perseguir o demônio que causou toda esta desgraça. Por vós clamo, espíritos dos mortos; e por vós, ministros itinerantes da vingança.

⁴⁴ Shakespeare, *Othello* (frase de Iago).

Deixai o monstro amaldiçoado e infernal beber a fundo da agonia, deixai-o sentir o desespero que agora me atormenta.

CORO (ESPÍRITOS): Primeiro ele nos chama para criar, agora nos chama para destruir... Crianças mimadas são os humanos... Contemple sua criação, Frankenstein! Contemple sua criação!

(Ao final da invocação, semi-delirante, retorna à presença do capitão Robert)

Cena 15

Novamente no Ártico. Victor conta ao capitão Robert como, a partir daquele dia, perseguiu noite e dia a Criatura, e como esta foi fugindo sempre em direção ao norte polar. Amargurado e desolado, já quase sem forças, recrimina-se por todos os males e mortes que causou. [dueto Victor + Robert]

ROBERT: Tente descansar, meu amigo. Você suportou um bocado!

VICTOR: Para destruir meu inimigo, atravessei vastas porções da Terra: florestas e desertos, montanhas e oceanos. Não sei como sobrevivi; muitas vezes rezei pela morte.

ROBERT: Como conseguiu encontrá-lo?

VICTOR: Ele deixava pistas pelo caminho para me guiar e para instigar minha fúria. Numa árvore, por exemplo, ele escreveu: "Venha, meu inimigo; ainda precisamos lutar por nossas vidas; antes, porém, muitas e muitas horas de sofrimento e agonia você deverá suportar até que seja chegado o momento."

ROBERT: Então ele queria que você o encontrasse.

VICTOR: Sim. Tornou-se uma jornada interminável, uma peregrinação: meu destino! Que coisa curiosa é a vida, essa combinação misteriosa de lógica impiedosa e propósito fútil.⁴⁵

ROBERT: Talvez essa história toda não passe de alucinações, sonhos...

VICTOR: Sonhos são reais, e eu permaneci para sonhar o pesadelo até o fim. Fui amaldiçoado por certo diabo a levar comigo um inferno eterno.

ROBERT: O Bem e o Mal, o Certo e o Errado... Há alguma moral nessa sua história?

VICTOR: Não, não há nenhuma moral aqui; apenas o passar do tempo. Futuro virando passado, vida virando morte, sonhos virando pó. Minha consciência tem mil línguas, cada língua conta vários contos, e todos eles me condenam como vilão.⁴⁶ Meu conto é um conto de horrores: um a um meus entes queridos foram levados embora; fui deixado em desolação, e minha própria força agora se exaure.

ROBERT: Sim, você está exausto – embora uma chama febril ainda arda em seus olhos. (examinando Victor e constatando a febre altíssima) Lamento, meu amigo, mas não lhe resta muito tempo de vida. É hora de se preparar para reunir-se à sua família.

⁴⁵ Joseph Conrad, *Coração das Trevas*.

⁴⁶ Shakespeare, *Ricardo III*.

VICTOR: Estou mais que preparado para ir-me. Mas antes devo destruir o ser ao qual dei existência.

ROBERT: Você não está indo a parte alguma, está demasiado fraco. Para ser honesto, todos neste navio estamos prestes a morrer... Receio um motim: o frio é excessivo, a comida está ficando escassa.

(a tripulação se aproxima)

CORO: Capitão, nosso tempo está se esvaindo. Mas caso o gelo se dissipe e uma passagem se abra, tememos que o senhor possa ser louco o suficiente como para dar continuidade à viagem e nos conduzir a novos perigos.

ROBERT: Sinceramente, prefiro morrer a voltar com vergonha.

VICTOR: Sem sacrifício não há história, não há evolução, não há glória!

CORO: Sem vida também não há história...

VICTOR: (falando à tripulação) Vocês chamam a isto de expedição gloriosa? E por qual motivo ela é gloriosa? Não é porque o caminho é tranquilo e plácido como nos mares do sul, mas porque é cheio de perigos e de terror. Retornem como heróis que batalharam e conquistaram, e que não sabem o que significa dar as costas ao inimigo.

Surge a Criatura. Últimas palavras entre eles. Ao final, Victor morre, enquanto no céu surge uma Aurora Boreal. [trio Victor + Criatura + Robert + coro]

(surge do nada a Criatura)

Cr: Você é o inimigo, Frankenstein!

ROBERT: A criatura! Ela existe!

VICTOR: Você está aqui para me matar?

Cr: Não preciso, você está morrendo por conta própria.

VICTOR: Você não passa de um assassino!

Cr: Vi muitos horrores.... Mas você não tem o direito de me chamar de assassino. Tem o direito de me matar... mas não de me julgar.⁴⁷

VICTOR: Belas palavras! Fico pensando de onde as roubou.⁴⁸

CORO: O horror, o horror!⁴⁹

ROBERT: Não permitirei derramamento de sangue em meu navio. Controlem-se!

VICTOR: Se eu pudesse voltar no tempo e queimar todos os meus livros de alquimia...

Cr: Sua alquimia não estava errada, apenas incompleta... você maneja os quatro elementos, mas se esqueceu do quinto e mais importante: o amor!

VICTOR: Você se atreve a mencionar a palavra *amor*? Como poderia eu amá-lo?

Você matou meu irmão, meu pai, minha esposa, meus amigos...

Cr: Matei sua família, sim... mas antes você matou a família que há em mim.

Nunca saberei o que é ter esposa e amigos. Ou mesmo um pai.

ROBERT: Pois cedo ou tarde o Amor é seu próprio vingador.⁵⁰

CORO: O gelo está se movendo! Talvez haja uma chance!

⁴⁷ *Apocalypse Now* (fala do General Kurtz)

⁴⁸ Jonathan Swift.

⁴⁹ Joseph Conrad, *Coração das Trevas*.

⁵⁰ Byron, *Don Juan*.

(a partir daqui, os três – mais o coro – cantam ao mesmo tempo. Ao longo da cena, forma-se no céu uma Aurora Boreal)

VICTOR: Logo estarei morto – mas vou levá-lo comigo!

Cr: Que tipo de pai abandona seus filhos?

ROBERT: Nunca conheci um homem que soubesse amar a si mesmo.⁵¹

VICTOR: Sua criação foi um erro... um momento de loucura!

Cr: Loucura é a única parte nobre que há em você.

ROBERT: Estamos sendo arrastados para a beira do abismo!

CORO: O horror, o abismo... estamos sendo arrastados para a loucura.

Cr: Tudo que pedi foi uma companheira.

VICTOR: Eu recusei, e recusaria novamente.

ROBERT: O mundo só oferece duas coisas belas: o amor e a morte.⁵²

Cr: O repugnante numa guerra é que seu sangue se mistura com o do seu inimigo.⁵³

VICTOR: Loucura! Essa coisa das trevas – reconheço-a minha.⁵⁴

ROBERT: Ame seus inimigos e reze por aqueles que o perseguem.⁵⁵

CORO: Amor e morte, morte e amor...

Cr: Devo eu ser considerado o único criminoso quando toda a espécie humana pecou contra mim?

VICTOR: Eu, eu, eu... Quão egoístas são suas lamentações!

CORO: A escuridão, o horror... Logo estaremos mortos.

ROBERT: Vossos olhos se abrirão e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal.⁵⁶

Cr: Em breve, você e eu não mais seremos; a própria recordação de nós rapidamente irá desaparecer.

VICTOR: Vou queimar os meus livros.⁵⁷ Vou queimar meu diário e todas as minhas anotações; não haverá outro de você.

ROBERT: O gelo está derretendo!... Temos uma chance!... Iremos viver!

Cr: Apesar de tudo, você não pode negar, há uma beleza terrível nisto tudo; uma beleza sublime, ao mesmo tempo atraente e repulsiva.⁵⁸

VICTOR: Estou no limite de minha humanidade. Estou tão cansado...

ROBERT: Olhem para o céu! Como são insignificantes nossas tragédias pessoais quando comparadas à grandeza da Via Láctea.

Cr: Tarde demais para não ter nascido, cedo demais para morrer.⁵⁹

VICTOR: (caindo de joelhos, já quase sem vida, contempla o céu) Aurora boreal! Tão maravilhoso... Tão sublime... Luz... luz... mais luz!⁶⁰... Lindo!...

⁵¹ Shakespeare, *Othello*.

⁵² Leopardi, *Canti*.

⁵³ Milan Kundera, *A imortalidade*.

⁵⁴ Shakespeare, *A tempestade*.

⁵⁵ Mateus, 5:44.

⁵⁶ Genesis, 3:5.

⁵⁷ Christopher Marlowe, *Doutor Fausto*.

⁵⁸ Lars Svendsen, *Uma filosofia do mal* (sobre o sublime em Kant)

⁵⁹ Guimarães Rosa, *Estas Estórias*.

⁶⁰ Últimas palavras de Goethe.

(sorri e fecha os olhos; não volta a abri-los: está morto).

A Criatura lamenta seu destino e o do seu criador. Ele e Walton trocam algumas palavras. A criatura diz que continuará indo para o Norte, sempre para o Norte, para o gelo e solidão eternos. [dueto Criatura + Robert]

ROBERT: (examinando Victor) Ele está morto. Satisfeito, finalmente?

CR: Ao destruir suas esperanças não satisfiz meus próprios desejos (agachando-se junto ao corpo de Victor, desolado com sua morte) Oh, Frankenstein! De que serve que eu agora lhe peça perdão? Eu, que implacavelmente destruí a você e aos que você amava. Ai de mim... ele está frio, não pode responder-me.

ROBERT: Seu arrependimento é agora supérfluo. Está consumado: ei-lo à sua frente, branco e frio na morte: sua última vítima.

CR: Ele pode ser uma vítima, mas não necessariamente minha.

ROBERT: Você poderia ter evitado toda essa tragédia.

CR: Me recusei a ser um peão num tabuleiro de xadrez. Olha para você mesmo: decidindo o destino de sua tripulação. Está brincando de Deus, também?

ROBERT: Sua insinuação é desprezível, maligna!

CR: Eventualmente um anjo caído se torna um espírito maligno. Mas mesmo o demônio possui amigos em sua desolação, ao passo que eu estou sozinho.

ROBERT: Você ainda está vivo.

CR: Vi coisas nas quais vocês não acreditariam. Todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva. Hora de morrer.⁶¹

ROBERT: Para onde está indo?

CR: Rumo à extremidade norte do globo. Em breve morrerei, e isso que agora sinto não mais será sentido. Logo essas tristezas que me consomem irão se extinguir. Subirei na minha pira funerária em triunfo e exultarei na agonia das chamas torturantes. A luz dessa conflagração irá aos poucos se apagar; minhas cinzas serão varridas ao mar pelo vento. Meu espírito dormirá em paz; ou, se ele ainda tiver pensamentos, certamente não mais os pensará. Adeus, capitão. (acariciando tristemente a cabeça de Victor) Adeus, Frankenstein!

Enquanto a Criatura se afasta, a tripulação quer saber do capitão o que acontecerá com eles (continuam com medo de prosseguir naquela jornada suicida em troca de uma glória duvidosa). O capitão decide pelo retorno. [Robert + coro]

(Robert vê a criatura afastar-se lentamente)

ROBERT: (pensativo, consigo mesmo) Um espírito de fogo e ar, um semi-homem de terra e água.⁶² Como foi no princípio, assim será no fim.⁶³

CORO: O gelo está se movendo, capitão! A passagem está livre novamente.

ROBERT: Sim, assim parece.

CORO: O que decidiu, captão? O que acontece agora?

⁶¹ *Blade Runner (Caçador de Andróides)*

⁶² Harold Bloom, *A invenção do humano (sobre A tempestade)*

⁶³ Bíblia.

ROBERT: Perdi minhas esperanças de glória; volto ignorante e desapontado. Não estou feliz, senhores; nem um pouco. Mas estamos dando meia-volta.

CORO: (abraçam-se, aliviados)

(todos se empenham em fazer o navio voltar a navegar; o capitão ainda observa como a criatura se afasta, desaparecendo no horizonte)

FIM

FRANKENSTEIN

ópera-rock

composta e adaptada do original de Mary Shelley
por Alberto Heller

libreto
(inglês)



Michelangelo, *A criação do homem*

1º ATO

Cena 1

Em meio a uma paisagem glacial ártica, o navio do capitão Robert Walton e sua tripulação, rumo ao Polo Norte, está prestes a encalhar no gelo. [ária Robert + coro masculino]

(o navio se movimenta com dificuldade em meio ao gelo; o capitão grita ordens, a tripulação está assustada e trabalha arduamente para evitar os icebergs)

ROBERT: Trim the sails! The ship is lurching!

CORO: The ice is too thick!

ROBERT: Fall to't yarely, or we run ourselves a-ground: bestir, bestir!⁶⁴

CORO: Icebergs ahead! Be careful!

ROBERT: Spirits up! Take in the topsail!

CORO: The ship does not obey!

ROBERT: Take heart, dear fellows! We're on the verge of discovering a new world!

CORO: (irônico) Can't you see the world where you stand?⁶⁵ If your world is always in the distance, distant it will always be.

ROBERT: I am tormented with an everlasting itch for things remote. I love to sail forbidden seas, and land on barbarous coasts.⁶⁶

CORO: Are you sure you know where we are heading?

ROBERT: We're going to unexplored regions, to "the land of mist and snow".⁶⁷

CORO: Does it figure on the map?

ROBERT: It is not down in any map; true places never are.⁶⁸

CORO: But where is the landfall you promised us?

ROBERT: Ahead.

CORO: Ahead, ahead, always ahead! sailing into the unknown...

ROBERT: You should be scrutinizing the horizon, instead of complaining. Seek for our passage.

MARINHEIRO 1: The supposed passage...

MARINHEIRO 2 Perhaps there is no way through this endless ice...

MARINHEIRO 3: What if the passage is just a legend?

ROBERT: Have faith, you unbelievers. The currents have their own wisdom. Try to think of the poetry in this: we alone against the sea.

CORO: There is no poetry here, just hard and freezing cold.

ROBERT: The North Pole can be the seat of frost and desolation; but it is also the region of beauty and delight. Look at the sun: for ever visible, its broad disk just

⁶⁴ Shakespeare, *The Tempest*.

⁶⁵ Hermann Melville, *Moby Dick*.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Coleridge, *The Rime of the Ancyent Mariner* (citado no original por Mary Shelley).

⁶⁸ Hermann Melville, *Moby Dick*.

skirting the horizon, and diffusing perpetual splendour. What may not be expected in a country of eternal light?

CORO: We should be back home by now, safe and warm.

ROBERT: In every voyage there is a point of no return; this point has to be reached.⁶⁹

MARINHEIRO 4: Captain, we are surrounded by ice...

MARINHEIRO 5: The sea is getting frozen!

ROBERT: (gritando) Try harder! Harder! We cannot stop!

MARINHEIRO 6: (reconhecendo finalmente a inutilidade de qualquer esforço) There is no way out, captain: we are stranded.

MARINHEIRO 7: Where are we?

CORO: In the middle of nowhere.

ROBERT: (furioso e inconformado) No! No! No!

Surge do nada uma figura moribunda; resgatam o estranho, que quase não consegue andar. Indagado, revela ser o Dr. Victor Frankenstein. Na conversa entre ele e o capitão Robert, descobrem terem muito em comum. Victor começa a contar sua história. [dueto Victor + Robert]

(um homem aparece caminhando, quase se arrastando)

MARINHEIRO 2: Look! A man! There!

CORO: Impossible!

ROBERT: Only a criminal or a lunatic would be wandering alone this far north.

MARINHEIRO 3: A miracle that he is alive!

VICTOR: (recobrando os sentidos após ter rapidamente desmaiado) Who are you?

ROBERT: My name is Robert Walton, I am the captain of this ship. As you can see, we are trapped in ice. And as I can see, you have suffered a lot: you are half-frozen and half-starved. Come on board, we will take care of you.

VICTOR: Before I come on board, will you have the kindness to inform me whither you are bound?

ROBERT: We are on a voyage of discovery towards the northern pole. And what about you?

VICTOR: I apologize; my name is Victor Frankenstein. I'm seeking one who fled from me... A demon.

ROBERT: (surpreso) A demon? (Rindo) The only demons I saw were these worthless sailors. Men, don't be rude to our visitor: bring him some blankets and something warm to drink and to eat.

CORO: Aye, captain!

VICTOR: You are too kind, thank you. But I must proceed, I cannot stop.

ROBERT: You are in no condition to go anywhere. I wasn't willing to stop either; and yet, here I am: subjugated by the forces of nature.

VICTOR: You sound annoyed.

⁶⁹ Kafka, *Aphorism* 5.

ROBERT: I would sacrifice my fortune, my existence, my every hope, to the furtherance of my enterprise. One man's life or death are but a small price to pay for the knowledge which I seek.

VICTOR: Unhappy man! Do you share my madness? Hear me, – let me reveal my tale.

ROBERT: Since we don't have anything else to do for a while, I will gladly hear your story.

VICTOR: Prepare to hear of occurrences which are usually deemed marvellous.

Cena 2

Desaparecem o gelo, o barco e a tripulação: surge a mansão dos Frankenstein (Genebra). Victor começa a narrar sua história, da infância até seus estudos (seu interesse precoce por biologia, galvanismo e química – bem como por antigos tratados alquímicos). [Ária Victor]

VICTOR: I am by birth a Genevese; and my family is one of the most distinguished of that republic. I was an only child; but when I was five, my parents adopted a girl: Elizabeth. Every one loved Elizabeth – my more than sister, since till death she was to be mine only. Several years later my mother got pregnant again; but she died giving birth to my little brother, William.

It was hard to accept her death; this uneasiness led me to become interested in medicine, physics, chemistry. I was delighted in investigating the causes of all phenomena, and the world became a secret to be unveiled. The secrets of heaven and earth; the physical and metaphysical mysteries of existence.

I discovered the works of forgotten alchemists: Cornelius Agrippa, Paracelsus and others. In a short time I was dreaming their dreams: the search of the philosopher's stone and the elixir of life; what glory if I could banish disease from the human frame, and render man invulnerable to death! Alchemy, galvanism, electricity... – so many wonders on earth!

As you see, I was not like common people, dreaming their insignificant and silly dreams;⁷⁰ no: I had special plans! That was the reason why, many years later, I decided to study at the famous german University of Ingolstadt.

Entram em cena o pai Alphonse, o amigo Henry, a prima e futura noiva Elizabeth e a amiga da família, Justine. Estão se despedindo de Victor, que se encontra de partida para prosseguir seus estudos universitários em Ingolstadt, na Alemanha. Intercalando-se, cada um lhe dirige demandas e recomendações: o pai fala em honrar o nome da família, Elizabeth está triste e preocupada, Henry sente por não acompanhá-lo [quarteto: Alphonse + Elizabeth + Justine + Henry]

(movendo-se à volta de Victor)

⁷⁰ Joseph Conrad, *Heart of Darkness*.

ALPHONSE: My son, you must honor the great name of our noble family!
ELIZABETH: Justine, my beloved will be stolen from us!
JUSTINE: Just for a few years, Elizabeth, then he will be yours forever.
HENRY: How can you plan such a big trip without me, your best friend?
Unthinkable!
ALPHONSE: Your mother would be so proud of you!
ELIZABETH: I don't know why, but I have a bad feeling about this. Something is wrong.
JUSTINE: You know he loves you, – and you love him –, that's all that matters. I can see you both on your wedding day!
HENRY: (brincando) Who knows – maybe you will be famous. But don't forget to share the good fortune with your friends – I mean the money, not the thousand hours of study and hard work. Enjoy!
ALPHONSE: Principles, my son. Don't forget our principles. After all, we have a tradition! Values! Nobility! Seek greatness, nothing less.
ELIZABETH: Chase your dreams, Victor; but don't lose your ground; behold mother earth.
JUSTINE: Your family allways embraced me with care – I still wear this lovely necklace that belonged to your mother – oh, I miss her so much!
HENRY: Now out with us, let the little pigeons have their moment alone.
Farewell, dear Victor!
JUSTINE: Remember to write!
VICTOR: I shall!

Victor e Elizabeth estão apaixonados e têm planos para o futuro; ele está empolgadíssimo com sua viagem e seus estudos: fala de grandes feitos, descobertas e glórias, enquanto ela confessa sua preocupação (tivera sonhos estranhos e maus pressentimentos). [dueto Victor + Elizabeth]

ELIZABETH: Last night I had such a bad dream, Victor! We were at Ingolstadt, you embraced me; but when we kissed, my lips became livid with the hue of death. Suddenly, you held not me in your arms, but your mother's corpse.
VICTOR: You and Mom, love and death... What an eerie dream... But I will defeat death.
ELIZABETH: Nobody defeats death.
VICTOR: I will pioneer a new way, explore unknown powers, unfold to the world the deepest mysteries of creation.
ELIZABETH: How very modest are your plans... But tell me: will there be room for passion and love along such a difficult journey?
VICTOR: Who seeks for perfection can never allow passion or transitory desire to disturb his tranquillity and peace of mind.
ELIZABETH: So, in the serch for life, you will deny your own life. (Com sarcasmo) Are you being scientifically rational here? Or just obsessive?
VICTOR: Don't question my feelings for you. I have a mission, and to find peace I must cross this path.

ELIZABETH: Seeking and finding are two different ways, my love: look at your heart, not at your ambition, or you'll get lost in a labyrinth full of monsters.

VICTOR: There are no Minotaurs out there; but if there are, I'm sure my Ariadne will rescue me.

ELIZABETH: (Apontando para seu peito) And what about *in there*? (vendo seu diário de anotações) Hey, is this your diary? (ela o pega e começa a escrever uma declaração) "Victor loves Elizabeth".

VICTOR: Please don't – this is serious, all my researches are noted there.

ELIZABETH: (magoada) So, our love is not serious enough as to deserve a little place in your writings?

VICTOR: (fechando e guardando o diário) I will not disappoint you; soon I will return, and you will be married to the famous Dr. Victor Frankenstein.

(beijam-se e se vão)

Cena 3

Universidade de Ingolstadt. Dois pódiums: num, o professor Krempe (tradicionalista e um tanto retrógrado), no outro o professor Waldman (ousado e controverso, pois dá importância a estudos muitas vezes descartados, tais como a alquimia). Entre eles, os alunos (também Victor) acompanham o embate de ideias. [dueto Krempe + Waldman]

KREMPE: My name is Krempe, professor of natural philosophy. I welcome you to a new scientific and enlightened era. Open your eyes, young men, let the light of knowledge illuminate your paths. But do not confuse the moon and the sun: I am talking about rational, scientific knowledge.

WALDMAN: My name is Waldman, professor of chemistry. The ancient teachers of this science promised impossibilities – some people say, they were dreamers; but, as Shakespeare wrote, "We are such stuff / As dreams are made on; and our little life / Is rounded with a sleep".⁷¹

KREMPE: Don't spent your precious time studying nonsense. Our science is serious business, no Hocus Pocus.

WALDMAN: For centuries, great men penetrated into the recesses of nature, and showed how she works in her hiding places. They ascended into the heavens and acquired new and almost unlimited powers. They even mocked the invisible world with its own shadows.

KREMPE: Are you here after immortality, power, glory? I warn you: this is not a church, gentlemen: you are here to study medicine! We are physicians, not shamans. Give to Caesar what belongs to Caesar, and give to God what belongs to God.⁷²

WALDMAN: Whence, I ask you, does the principle of life proceed? It's a bold question, one which has ever been considered as a mystery. Are you willing to answer it? How far are you prepared to go?

KREMPE: Don't waste your brains with exploded systems and useless names, don't listen to charlatans; magic may sound cute in children's books, but it's

⁷¹ Shakespeare, *The Tempest*.

⁷² Marcos, 12:17.

nothing for serious researchers. Just because some books are a thousand years old, it doesn't mean they keep the key to nature's mysteries.

WALDMAN: Sometimes, to examine the causes of life, we must first have recourse to death; how the worm inherited the wonders of the eye and brain.

KREMPE: Don't get lost, stay firm on the ground of reality.

WALDMAN: We feel that even if *all possible* scientific questions be answered, the problems of life have still not been touched at all.⁷³

KREMPE: You must become men of vision. And vision is the art of seeing the visible world.

WALDMAN: You must become men of vision. And vision is the art of seeing things invisible.⁷⁴

Cena 4

A – Laboratório. Meses se passaram. Victor está fazendo experimentos e divagando, ao mesmo tempo em que escreve anotações de trabalho em seu diário. Ao longo da cena, projeções envolvendo alquimia, anatomia, dissecações, galvanismo, química, eletricidade. [ária Victor]

VICTOR: I dived, in my lone wanderings, to the caves of death, searching its cause in its effect; and drew from wither'd bones, and skulls, and heap'd up dust, conclusions most forbidden.⁷⁵

I've studied now Philosophy
And Jurisprudence, Medicine, –
And even, alas! Theology, –
From end to end, with labor keen;
And here, poor fool! with all my lore
I stand, no wiser than before.
No dog would endure such a curt existence!
Wherefore, from Magic I seek assistance.
Was it a God, who traced these signs?
Am I a God? – so clear mine eyes!⁷⁶

Visita repentina de Henry, que fica preocupadíssimo com o estado físico e mental de Victor. Sob as perguntas do amigo, Victor confessa o que está tentando fazer: dar vida a um ser inanimado. Henry teme que o amigo esteja ficando louco. Victor, qual Dr. Fausto, fala dos limites da ciência e da necessária expansão e inclusão da alquimia e das ciências ocultas. Discutem questões morais e éticas nesse tipo de pesquisa, mas Victor está obcecado. Por fim, Henry desiste e vai embora. [dueto: Victor + Henry]

⁷³ Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*.

⁷⁴ Jonathan Swift.

⁷⁵ Byron, *Manfred*.

⁷⁶ Goethe, *Faust*.

HENRY: Surprise, my friend! Here I am to pay you a visit, since you disappeared from the face of earth. Your father and your fiancée are worried about your silence, and honestly so am I.

VICTOR: I'm very busy, that's all.

HENRY: You are pale, emaciated! What happened to you?

VICTOR: Big dreams require great sacrifices. But the road of excess leads to the palace of wisdom.⁷⁷

HENRY: And seeking wisdom you deprived yourself of rest and health? Look at you, you look miserable!

VICTOR: After days and nights of labour and fatigue, I became capable of bestowing animation upon lifeless matter. I'm about to create a being like myself.

HENRY: Like yourself? What do you mean?

VICTOR: Think, Henry: a new human being! I feel so excited! (mostra o corpo da criatura) See for yourself!

HENRY: I don't think he is so excited as you are – why should he, he is dead, isn't he? Did you steal this corpse from a morgue or from a graveyard?

VICTOR: Funerals all over the world everywhere every minute. Thousands every hour. Too many in the world.⁷⁸ A cemetery is vanity transmogrified into stone.⁷⁹ And I am sick of stones.

HENRY: I am sick of vanity.

VICTOR: A new species will bless me as its creator and source. No father could claim the gratitude of his child so completely as I should deserve theirs.

HENRY: So... Is this all about you?

VICTOR: No, it's greater than me, it's greater than science itself; I am working with combined forces, including magic.

HENRY: I thought you were a physician, not a mystic.

VICTOR: Mystic is just a name for things people cannot explain. To succeed, I plunged into the depths, combining all possible traditions. From alchemy to shamanism, from occultism to esoterism, from gnosis to sufism and kabbalah; Arabs and Greeks, Persians and Chinese, Jews and Christians, Buddhists and Muslims: they all looked into the mysteries, they all deserve my gratitude.

HENRY: Well, I will not take part in this madness. Maybe you have found how to create life; but at the expense of your own, I'm affraid. There is a mirror, look at you! (sai)

(Victor se olha no espelho; toca-se e examina sua imagem, um tanto curioso-perplexo – mais tarde essa cena será repetida pela criatura)

B – Novamente sozinho, Victor volta ao trabalho. Numa cena ritualística, invoca as forças da terra – surge um coro de espíritos que começa a dançar e a cantar em volta da criatura até que esta, finalmente, se move. Ainda de olhos fechados, estende a mão e Victor vai ao seu encontro (por um segundo, performatizam o famoso quadro de Michelângelo no qual homem e Deus quase encostam seus indicadores). Victor entra em pânico, pois subitamente percebe a dimensão de seu ato. Apavorado, foge. [ária Victor + coro]

⁷⁷ William Blake, *The Marriage of Heaven and Hell*.

⁷⁸ James Joyce, *Ulysses*.

⁷⁹ Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser*.

VICTOR: (olhando para o corpo da criatura) Here you are. All your limbs are in proportion, all your features are beautiful!

Not only flesh shall I combine, but words too. Magic words. The one who knows the spiritual force of the letters and their secret combinations, learn how to create worlds. Worlds and words... In the beginning was the Word, and the Word was with God, and the Word was God.⁸⁰ As above, so below, as within, so without, as the universe, so the soul... Correspondence and resonance... From the stars of heaven to the cells of the body.

But I'll need help... Spirits of the earth, I invoke you. (recitando a invocação) By the creator of heaven and earth and of all things, visible and invisible; by him who created man from the mud of the Earth; by the most precious and ineffable names of the Creator of all, by which you all are bound, and which arouse fear in all the things in heaven, on earth, and in hell, to wit Aa, Ely, Sother, Adonay, Cel, Sabaoth, Messyas, Alazabra and Osian. And by your virtue and capacity and power, and by your dwelling place, of which this circle is the form, and by all the figures present within it.⁸¹ Spirits, I summon you!

(Enquanto Victor recita a invocação, surgem três espíritos; eles começam a dançar e a cantar em volta da criatura)

CORO (ESPÍRITOS): Here we are. Who calls us? Who invokes us? Beware what you wish for!

Rise... rise... rise from the death... Rise... rise... Wake up! We command!

VICTOR: (tomando e lendo de uma Bíblia) "Our friend Lazarus has fallen asleep; but I am going there to wake him up."⁸² Wake up. Wake up!

CORO: Rise... rise... Wake up, creature! We command!

(A Criatura começa a ter os primeiros movimentos)

VICTOR: He's moving! It works! (emocionado) After so many years, so much work and study... and there you are.

(ainda deitada, a Criatura abre os olhos, mas sem fitar seu criador; sua mão se estende em busca de algo, Victor também estende a sua – seus indicadores quase se tocam, como na famosa pintura de Michelângelo; subitamente, Victor entra em pânico)

VICTOR: Oh my God... what have I done?!? His eyes... I'm unable to endure his look. All the beauty of my dreams is suddenly vanished; breathless horror and disgust fill my heart... Elizabeth, Henry... you were right, and I was so blind and deaf!

(apavorado, foge)

(enquanto isso, o coro canta e a criatura se levanta)

CORO (ESPÍRITOS):

⁸⁰ João, 1:1

⁸¹ Richard Kieckhefer, *Forbidden Rites: A Necromancer's Manual of the Fifteenth Century*.

⁸² João, 11:11.

Like one who, on a lonely road,
Doth walk in fear and dread,
And, having once turned round, walks on,
And turns no more his head;
Because he knows a frightful fiend
Doth close behind him tread.⁸³

(gargalham e se vão)

A criatura se levanta; examina a si e ao seu redor, perplexa e curiosa. Encontra o sobretudo de Victor e o veste, percebendo nos bolsos objetos (papéis e um diário). Ainda atordoado, sai do laboratório em direção às luzes da cidade. [ária Criatura]

(movimentando-se com dificuldade, experimenta a voz, balbuciando; aos poucos, começa a formar as primeiras palavras)

Cr: Where am I?

(olha ao redor, tateia os objetos)

I'm dizzy; confused. (chama e procura) Hello? Is anybody there?

I can walk, I can think, I can talk...

I'm aware of... – and yet...

(olha-se num espelho; apalpa-se, praticamente repetindo os gesto anteriores de Victor)

What am I? Who am I?

(vê o casaco de Victor e o veste; percebe num de seus bolsos um pequeno livro – o diário –; folheia e coloca-o de novo no bolso)

(olhando para fora, para as estrelas)

Lights – so many! Beautiful... (tenta pegá-las mas não consegue)

(olhando agora para as luzes distantes da cidade)

More lights... Houses... People...

(sai andando em direção às luzes da cidade)

Cena 5

Num quarto. Victor convalesce num leito, semi-delirante, enquanto ao lado Henry, Elizabeth e Justine discutem sobre o que teria acontecido; Henry conta o que sabe, Elizabeth lembra-se de seus pesadelos. [trio Henry + Elizabeth + Justine]

ELIZABETH: Tell me the truth, Henry: what was Victor doing at Ingolstadt? He's been back for months now, and still no word about what happened there to change him so deeply.

JUSTINE: He used to be so happy, enthusiastic, confident; now he is always quiet, suspicious, almost frightened... And he is always looking around, as expecting something or someone... It's frightening!

⁸³ Coleridge, *The Rime of the Ancient Mariner* (citado no original por Mary Shelley).

ELIZABETH: Is he paranoid? I see him trembling sometimes. The doctor says it's a nervous fever – but why? Please, Henry, tell us what you know!

HENRY: He was making some strange experiments involving life and death, and was euphoric about some awesome discoveries – impossible things, I must say. But he was feverish, ill... I think he was hallucinating, there was wildness in his eyes.

ELIZABETH: Life and death... Oh God, my dream!

HENRY: What dream?

JUSTINE: Please, no more talking about gruesome nightmares. The sun is shining out there, and soon our Victor will be better. He just needs some rest. I will attend young William, he wanted to play hide-and-seek again, he loves it. You both should come and play with us – come, it will be fun.

Cena 6

A – Floresta escura. A criatura vaga sem rumo, lamentando-se dos sofrimentos e das injustiças que sofreu ao longo das últimas semanas junto aos homens, ao mesmo tempo em que observa as belezas da natureza. [ária Criatura]

Cr: (examinando uma flor, maravilhado) Beautiful! So beautiful! The sounds, the smells, the colours... The river flowing, the wind blowing in the trees... So many wonders in this world. And still... so much sadness... so much hate... so much pain.

Yesterday, by my sight, the children shrieked, one woman fainted. The whole village was roused; some fled, some attacked me. I don't know why they are so afraid of me. Because I'm different? But all beings are different!

Last week I saved a young girl... She was laughing and running as she fell into a rapid river. I rushed and saved her from the current, dragging her to the shore. A man approached; he aimed a gun at me and fired. I sank to the ground. This was the reward for my benevolence! My kindness and gentleness gave place to hellish rage and gnashing of teeth.

Now I prefer the darkness of the forests, away from men, having the world before me. Nonetheless, I would welcome a dry place to sleep...

(vendo subitamente uma casa) There – a house! Let's see it.

B – Encontra uma casa e ali se esconde. Do esconderijo, observa a sala de estar (uma enorme biblioteca) da família De Lacey: o Sr. De Lacey (um velho cego) e seus filhos, Agatha e Felix. [dueto: De Lacey + Agatha]

DE LACEY: (falando com Agatha) Good morning, my angel. Where is your brother Felix?

AGATHA: Out there, looking for firewood; he will soon be back. So father, from which book should I read to you today?

DE LACEY: My sweet Agatha... let me see... We just finished *The Odyssey*... perhaps *Don Quijote* or Dante's *Comedy*? I know: why not some Shakespeare? *King Richard the Third*!

AGATHA: It's your choice. (*encontra o livro e começa a ler; enquanto isso, desde seu esconderijo a Criatura ouve com atenção e crescente espanto*)

Now is the winter of our discontent (...)
I, that am curtail'd of this fair proportion,
Cheated of feature by dissembling nature,
Deform'd, unfinisht, sent before my time
Into this breathing world, scarce half made up,
And that so lamely and unfashionable
That dogs bark at me as I halt by them; –
Why, I, in this weak piping time of peace,
Have no delight to pass away the time,
Unless to spy my shadow in the sun,
And descant on my own deformity:
And therefore, since I cannot prove a lover,
To entertain these fair well-spoken days,
I am determin'd to prove a villain,
And hate the idle pleasures of these days.

FELIX: (entrando na casa) So, are we in Shakespeare mood today? Lovely!

AGATHA: Actually I was talking about you and how ugly you are... (risos)

FELIX: Well, I'm sorry to tell you, but since we share the same genes, you must look as horrible as me.

DE LACEY: I didn't noticed... maybe I'm becoming blind... (Felix e Agatha se entreolham por um instante, depois todos riem da piada e passam a arrumar a casa, sempre sendo atenciosos e carinhosos uns com os outros)

Cr: (falando consigo mesmo) Kindness... affection... laughter... family! Oh, I'm feeling a mixture of pain and pleasure such as I have never felt before. No father watched my infant days, no mother blessed me with smiles and caresses; or if they did, all my past life is now a blot, a blind vacancy in which I distinguish nothing.

AGATHA: Come, Papa, let us take a walk and enjoy some fresh air. (saem os três)

C – Aproveitando que eles saem, a Criatura entra na biblioteca e começa a folhear os livros, encantado. Os títulos e autores vão aparecendo (na fala e nas projeções), frases dos livros são cantadas/citadas/projetadas. Arte e cultura vão transformando seu semblante, agora quase em êxtase. [ária Criatura]

Cr: So many books! (vai abrindo e folheando um após o outro) Milton, *Paradise Lost*: Did I request thee, Maker, from my clay / To mould me man? / Did I solicit thee / From darkness to promote me? William Blake: In the universe, there are things that are known, and things that are unknown, and in between, there are doors. Melville, *Moby Dick*: Consider the subtleness of the sea; how its most dreaded creatures glide under water, unapparent for the most part, and

treacherously hidden beneath the loveliest tints of azure. Goethe, *Faust*: Stay still, time, you are so beautiful!

So much knowledge, so much wisdom, so much beauty – and so little time...
(ao ouvir que a família está voltando, corre de volta ao seu esconderijo)

O tempo vai se passando entre esconderijo, leituras e observação da convivência familiar. Cada vez mais ele sente necessidade de contato e amor, mas teme ser repudiado. [ária Criatura]

Cr: A family... a brother, a sister... a father! There must be a way... If I let them know, I have a good heart... that I'm not dangerous... Who knows...

I create in my imagination a thousand pictures of presenting myself to them, and of their perception of me. I imagine that they will be disgusted, until, by my gentle demeanour and conciliating words, I shall first win their favour, and afterwards their love. It can work... I have to run the risk! As soon as the gentle blind man is alone again, I shall talk to him.

D – Finalmente toma coragem e, aproveitando a ausência de Felix e de Agatha, vai conversar com o velho De Lacey. Ambos mantêm uma conversa profunda sobre visão e não visão, percepção, senso de realidade, sobre ser diferentes num mundo hostil. Afeiçoam-se, a Criatura cria esperanças. [dueto Criatura + De Lacey]

Cr: (batendo à porta)

DE LACEY: Who is there? Come in.

Cr: Pardon this intrusion. I am a traveller in want of a little rest.

DE LACEY: Please, enter. May I offer some food?

Cr: No, thanks. What is this place?

DE LACEY: The universe – what Borges calls *The Library*.⁸⁴ De Lacey is my name. And you are...?

Cr: Someone's dream. A fiction.

DE LACEY: Even fictions have a name...

Cr: Not me.

DL: Didn't your father give you one?

Cr: He was no father at all.

DE LACEY: So your Great Architect left you... A more common destiny than you can imagine, my friend. Shall I call you No Name, then?

Cr: Shall I call you No Vision?

DE LACEY: A man may see how this world goes with no eyes. Look with thine ears.⁸⁵

Cr: I have eyes and ears, I see and hear beauty everywhere – except where people go.

⁸⁴ Jorge Luis Borges, *La biblioteca de Babel*.

⁸⁵ Shakespeare, *King Lear*.

DE LACEY: When we are born, we cry that we are come to this great stage of fools.⁸⁶ Unfortunately, there is no paradise on earth.

Cr: The true paradises are the paradises that one has lost.⁸⁷

DE LACEY: Wise, but sad... You must trust God.

Cr: How do you know God is benevolent? He wasn't exactly kind to Adam when He drove him out from paradise.

DE LACEY: Maybe was Adam an angel.⁸⁸ A fallen angel, like all of us.

Cr: And how is a fallen angel supposed to find joy in this world of miseries?

I am a deserted creature; I have no friends upon earth.

DE LACEY: To be friendless is indeed unfortunate.

Cr: But there are people – three kind people – who could become friends. They have never seen me, and know nothing about me. I am full of fears; if I fail there, I am an outcast in the world for ever.

DE LACEY: Where do these friends reside?

Cr: Near this spot.

DE LACEY: There is something in your words which persuades me that you are sincere. I will help you.

Cr: My best and only benefactor! I thank you, and accept your generous offer.

DE LACEY: May I know the names and residence of those friends?

Cr: (temeroso e cheio de dúvidas) Now is the time! You and your family are the friends whom I seek.

DE LACEY: Great God! Who are you?

(entram Felix e Aghata)

Felix e Agatha chegam e se assustam ao ver a Criatura: cruelmente, expulsam-na da casa. Novamente sozinho, sente-se ainda mais amargurado e revoltado; começa a sentir ódio da humanidade. Remexendo nos bolsos reencontra o diário de Victor. Decide-se: irá procurar e confrontar seu criador. [quarteto Criatura + De Lacey + Felix + Agatha / ária Criatura]

AGATHA: (assustada) Whats this? Who is this stranger?

FELIX: (ameaçador) Yes, who are you? Speak!

Cr: Please, don't be afraid. I am...

FELIX: (interrompendo) Get out! Get out of this house!

Cr: (agarrando-se ao velho e suplicando-lhe) Please, protect me! Tell them I am a friend!

AGATHA: Don't touch him!

FELIX: Stay away from my father!

DE LACEY: He is harmless. Let him...

AGATHA: (ao pai) You know nothing about him, how can you know he is harmless? If you could see him, you would be alarmed too.

FELIX: Leave this house immediatly, I command you! (Felix e Agatha o expulsam da casa, ameaçando-o com armas)

AGATHA: (gritando) Go away! Out!

⁸⁶ Shakespeare, *King Lear*.

⁸⁷ Proust, *O tempo reencontrado*.

⁸⁸ Harold Bloom, *Fallen Angels*.

DE LACEY: (perdido e impotente, quase em lágrimas) Sorry! I'm so sorry!
(a Criatura sai e eles fecham a porta às suas costas)

(Novamente sozinho, na floresta)

Cr: Cursed, cursed creator! Oh, this sick impotence of despair! What have I done to deserve such destiny? Where love and kindness was, now is just rage and fury. Revenge!, cries out my heart! My only wish now is to spread havoc and destruction, and then to sit down and enjoy the ruin. From this moment I declare everlasting war against the species.

(lembra-se do diário de Victor; pega-o e começa a folheá-lo)

Cr: Accursed creator! Hateful day when I received life! Why did you create a monster so hideous that even you turned from me in disgust? Oh father, oh father... why have you forsaken me?⁸⁹ Oh father, oh father... why have you abandoned me? In the bitterness of my heart, I curse you, Victor Frankenstein!!! Victor Frankenstein, I will find you!

Cena 7

A – Outra floresta. Justine procurando e chamando pelo pequeno William, que saiu de casa e aparentemente se perdeu. De repente, ela se depara com a Criatura; tem medo, mas ele a acalma e pergunta quem é e o que está fazendo. Ao saber que ela vive com a família Frankenstein, ele começa a contar uma história triste e comovente, ao fim da qual lhe pede o colar de presente para que possa ao menos ter dela uma lembrança, já que nunca poderá pedir por coisas tais como amor ou afeto. Ela entrega o colar e ele se vai. [dueto Criatura + Justine]

JUSTINE: William! William! I give up, it's time to go home now. William, where are you? You are scaring me! The game is over, come back, please! We are all worried about you. Please, come out, William! – Oh God, where is this child hiding? William! I'm so tired... (exausta, recosta-se para descansar e adormece)

(Surge a Criatura, que a vê adormecida)

Cr: Such a beautiful female! Certainly, one of those whose joy-imparting smiles are bestowed on all but me. (aproxima-se, sussurando em seus ouvidos) Awake, fairest, thy lover is near – he who would give his life but to obtain one look of affection from thine eyes: beloved, awake!

(Justine desperta e grita de susto)

JUSTINE: Who are you?

Cr: Just a wanderer – sorry if I scared you. I heard you calling for someone; have you lost your little brother?

JUSTINE: Not my brother, but yes, I am looking for a boy – his name is William, he is eight.

Cr: William?

JUSTINE: William Frankenstein. (a Criatura arregala os olhos ao ouvir o nome) Have you seen him in the forest?

⁸⁹ Mateus, 27:46.

Cr: No, I haven't. But I'm sure we will find him – well and healthy. And you? What's your name?

JUSTINE: Justine. I live with the Frankensteins.

Cr: Justine. Just... perfect! A beautiful name for a beautiful lady. And wearing such a lovely necklace!

JUSTINE: (nervosa e olhando para os lados) I must go, I have to find young William.

Cr: Wait! No need to be afraid. I'm always judged by my appearance – but I'm a gentle soul, you can trust me.

JUSTINE: You are a stranger; I don't know you.

Cr: I am not a stranger. (sedutor) Look into my eyes: try to see beyond the ugliness, beyond the scars, beyond the pale skin... and you will see ME.

JUSTINE: I'm trying... But all I see is darkness.

Cr: If it were not for the darkness, how could the stars shine? If it were not for the dark earth, how could the roses grow?

JUSTINE: Forgive me, I have offended you.

Cr: A creature like me has no right to dream... Someday, you will belong to a handsome man: your lips, your caresses, your heart, your breathing... all will belong to him, while me... I will be alone, always alone: no affection, no kisses, no love...

JUSTINE: Poor man... I hope you are wrong. Sometimes, God leads us along tortuous paths.

Cr: (com escárnio) God?... God!... I don't know nothing about God – and He doesn't care about me. But maybe you do... Before I go, I have a request, if I may.

JUSTINE: A request? What kind of request?

Cr: I will never deserve your love or your attention; let me at least have something from you, a little gift – so when I look up to it, I will remember you and your soft features.

JUSTINE: A gift? But I have nothing to give you.

Cr: What about your necklace?

JUSTINE: I can't – it was a present... Miss Frankenstein gave it to me many years ago. She passed away...

Cr: A sign of love and care... a maternal gesture... such as I will never have. Unless you are generous enough... as to make a sad creature like me smile at least once in a lifetime.

JUSTINE: (reflete, acariciando o colar, e entrega-o finalmente a ele) You are right. Why not? Here, I give it to you. Take care of it; I hope it will bring some consolation in your life. The woman who gave it to me was noble and kind. Let her nature guide yours.

Cr: (sorrindo maliciosamente) Oh, I will... I will... Heard melodies are sweet, but those unheard are sweeter.⁹⁰ (despedindo-se em alemão) *Leb wohl, mein Schatz.* (pega o colar e se vai)

B – Victor e Elizabeth, também procurando por William, ouvem gritos de uma multidão enfurecida, que vem arrastando Justine: o menino foi encontrado morto e,

⁹⁰ Keats: *Ode a uma urna grega.*

junto a ele, o colar de Justine. A multidão clama por justiça e ela é condenada à forca. [Victor + Elizabeth + coro]

VICTOR: William! Where are you?

ELIZABETH: William! William! Oh, Victor, where is he?

VICTOR: Have no fear, we will find him!

(ouvem ao longe gritos de uma multidão enfurecida)

ELIZABETH: What's happening?

VICTOR: I have no idea.

CORO: Murderer! Murderer! Send her to the gallows!

(a multidão chega até onde estão Victor e Elizabeth; conduzem Justine amarrada e apavorada)

ELIZABETH: Justine! What's happening?

CORO (PESSOA 1): She was!

VICTOR: She was *what*?

CORO (PESSOA 2): The murderer!

ELIZABETH: Whose murderer, for the sake of Christ?

CORO: Young William Frankenstein – we found him dead in the forest, and on him was her necklace. The proof of her guilt! (gritando com Justine) Murderer! Witch!

VICTOR: (consternado) William dead? My brother? Impossible!

ELIZABETH: (desesperada, amparando Victor) It cannot be! I'm sure it's a mistake.

CORO: He is dead. (todos apontam para Justine) And here is the killer!

JUSTINE: No! No! No!

ELIZABETH: Justine would never hurt William, they always loved each other! This is a horrible misunderstanding – release her immediately!

CORO: She is guilty. To the gallows! To the gallows!

VICTOR: (para Justine) Justine, tell us this is not true, please!

JUSTINE: Victor, Elizabeth! Help me! I was looking for William and suddenly these people arrived and seized me. I'm innocent, I swear!

CORO: You cursed, liar witch! We found your necklace on William's dead body. You will be hung, child murderer.

JUSTINE: It wasn't me! I would never be capable of such an appalling crime. Oh, poor William... I cannot believe he is dead. Are you sure?

CORO: You know he is dead!

JUSTINE: Wait a minute... the necklace! I saw a man in the forest; a strange, tall, pale creature... very scary! The necklace – he wanted it and I gave it to him. He was! We must find him!

(ao ouvir a descrição da criatura, Victor subitamente se dá conta do que aconteceu; empalidece e começa a tremer, enquanto olha à sua volta, nervoso e indeciso sobre que atitude tomar)

CORO: What a convenient lie!

ELIZABETH: We must find this creature! Please, let her free; I assure you all, she's innocent! Victor, say something!

VICTOR: I... I... (não consegue falar)

CORO: To the gallows! To the gallows!

(a multidão carrega Justine até o local onde um tribunal é improvisado)

C – Um tribunal é rapidamente improvisado. Prestes a ser enforcada, Justine diz-se inocente e fala da criatura, mas ninguém acredita nela (Victor quase entra em pânico, fica dividido mas, covardemente, se cala). Elizabeth tenta em vão dissuadir a multidão ensandecida. Não há clemência: Justine é julgada e enforcada. [Justine + Elizabeth + Victor + Juiz + coro]

(tribunal improvisado)

JUDGE: Justine Moritz, you are being charged with witchcraft and with the murder of the infant William Frankenstein. Do you confess?

JUSTINE: Of course not! I'm innocent! Please, you must find the creature I met in the forest. I think it was him!

CORO: Liar! Liar! There is no creature out there, except you!

VICTOR: (à parte) Oh William, poor William, what have I done? Am I responsible for such a tragedy?

ELIZABETH: I've known her since we were children – she is incapable of such malicious act.

JUDGE: We have evidence, we found her necklace with the victim.

ELIZABETH: It doesn't prove anything.

JUDGE: I'm afraid, it does.

CORO: Hang her! Hang her! She is a witch!

JUSTINE: (para a multidão) I am no more a witch than you are a wizard, and if you take away my life, God will give you blood to drink.⁹¹

ELIZABETH: Victor, please tell them this is wrong!

VICTOR: (gaguejando) I can't... I can't...

ELIZABETH: You know she is innocent!

VICTOR: Oh, William... my poor little brother...

CORO: Hang her! Hang her! Hang her!

JUDGE: (para Justine) I declare you guilty. You are sentenced to death.

(a multidão grita em júbilo)

ELIZABETH: No!

JUSTINE: Very well. But before I die, I will speak. Hear me, men of violence. Death penalty is murder⁹², so you are the real murderer here, not me! You think of yourselves as "good people", and good people are always so sure they are right... But you are not!⁹³

CORO: Witch! Murderer!

JUSTINE: I am about to die for a murder I did not commit, that someone else committed. I am innocent, innocent, innocent! Make no mistake about this. I owe society nothing. I am an innocent woman and something very wrong is taking place tonight.⁹⁴

CORO: Hang the witch! Hang the witch!

JUSTINE + ELIZABETH: You cruel, fool, brutal men! You call witchcraft what you cannot understand; what you cannot withstand; what you cannot love. Witches

⁹¹ Últimas palavras de Sarah Good antes de ser executada por bruxaria em Salem, Massachusetts, em 1692.

⁹² Últimas palavras de Robert Drew antes de ser executado em 1983.

⁹³ Últimas palavras de Barbara Graham antes de ser executada em 1955.

⁹⁴ Últimas palavras de Leonel Herrera antes de ser executado em 1993.

are your wives and sisters; witches are your mothers and daughters. Witch is the female part of yourselves, the part you don't want to see or recognize. You kill us because you are afraid. You torture us because you are cowards. You shame us because you are weak.

CORO: What are they saying? Hang her! Hang her!

JUSTINE: I thank Elizabeth for loving me and taking care of me. (Voltando-se para a multidão) The rest of the world can go to hell! I don't forgive you – and I hope God doesn't either.⁹⁵

CORO: Hang the witch! Hang the witch! We are the justice – and you were sentenced to death!

(Justine é carregada pela multidão até a forca; o apoio sob seus pés é tirado e ela cai, morta. Nesse momento, orquestra e cantores subitamente silenciam)

FIM DO 1º ATO

– INTERVALO –

2º ATO

Cena 8

Local gelado e com neve (espécie de duplo da paisagem ártica do começo e do final). Victor perambula em busca da criatura num misto de ódio, terror, medo e desejo de vingança. Finalmente se encontram. A conversa entre os dois passa por vários momentos (incriminações, acusações, lamúrias, explicações). Ao final do diálogo, a Criatura impõe sua condição para não seguir atormentando a família de Victor: que este lhe crie uma companheira. [dueto: Victor + Criatura]

(Em um cenário "magnificamente desolado", Victor procura pela Criatura)

VICTOR: (chamando em voz alta) Where are you? I know you are following me! Show up, you coward monster. How did you dare to kill my brother? A little boy? A harmless, innocent child!

Cr: (aparecendo de surpresa) Nobody is innocent.

VICTOR: Wretched devil! I will kill you!

Cr: I ought to be your Adam; but I am rather the fallen angel.

VICTOR: You should be grateful, I gave you life!

Cr: Gratitude is just a mild form of revenge.⁹⁶

VICTOR: You reproach me with your creation; let me put an end to your torment.

Cr: (apontando uma arma) Life, although it may only be anguish, is dear to me, Frankenstein, and I will defend it.

⁹⁵ Últimas palavras de um condenado antes de ser executado.

⁹⁶ Nietzsche, *Human all to human*.

VICTOR: Your acts are beyond forgiveness.

Cr: I was benevolent and good; misery made me a fiend. Make me happy, and I shall again be virtuous.

VICTOR: Virtuous? You killed William! He's done nothing to anyone; he was innocent!

Cr: I was innocent too, until the world taught me hatred. In a lightless region of horrors, uncomplicated savagery can be a positive relief.⁹⁷

VICTOR: Devil! You killed Justine too!

Cr: Who is the devil now? You had the chance to save her; your silence killed her.

VICTOR: Cunning creature, murderer!

Cr: You accuse me of murder, and yet you would destroy your own creature. How dare you sport thus with life? You and your kind spurn and hate me; shall I not then hate them who abhor me?

VICTOR: So you want me to be the scapegoat for your misfortunes! Should I apologize because life was not amicable to you? No, you are unforgivable. There are no excuses for what you've done, even if world and human kind were mean to you.

Cr: I'm disappointed. As I read your diary, I thought better of you.

VICTOR: So this is how you found me... What do you want from me?

Cr: Some compensation. I am alone, and as I see it, I will remain alone for ever. So, you must create a female for me, with whom I can live and share my life.

VICTOR: I do refuse it. Shall I create another like yourself, whose joint wickedness might desolate the world? Begone!

Cr: Shall I respect man, when he condemns me? Mine shall not be the submission of abject slavery. (furioso) I will revenge my injuries: if I cannot inspire love, I will cause fear.

VICTOR: Calm down and answer me: where do you both intend to live? In the cities, with normal people?

Cr: Normal? (risos) Nobody is normal, Frankenstein; a monster hides inside the sweetest of creatures, believe me.

VICTOR: Your soul thirsts for stars; but your wicked instincts also thirst for freedom.⁹⁸ Too dangerous... There must be another way... I cannot...

Cr: (suplicando) Oh! my creator, make me happy; let me feel gratitude towards you for one benefit! Let me see that I excite the sympathy of some existing thing; do not deny me my request!

VICTOR: I feel that there is some justice in your argument. As your maker, I owe you some portion of happiness. Still...

Cr: If you consent, neither you nor any other human being shall ever see us again: I will go to the vast wilds of the Earth. My life will flow quietly away, and, in my dying moments, I shall not curse my maker.

VICTOR: I consent to your demand, on your solemn oath to quit the neighbourhood of man for ever, as soon as I shall deliver into your hands a female who will accompany you in your exile.

Cr: By the fire of love that burns my heart, I swear. Commence your labors. I shall be watching your progress.

⁹⁷ Joseph Conrad, *Heart of Darkness*.

⁹⁸ Nietzsche, *Zarathustra*.

(olham-se por alguns instantes, depois a Criatura rapidamente se vai. Victor desaba, arrependido e apavorado com o significado de sua promessa)

VICTOR: (sozinho) This must be a nightmare! Oh God: all again, and again, and again... What have I done?

Cena 9

Num interior. Elizabeth, Henry e Alphonse tentam descobrir o que está acontecendo, mas Victor apenas afirma que precisa viajar imediatamente. Tentam dissuadi-lo (Elizabeth continua tendo maus presságios, o pai não entende que ele viaje ao invés de consolar a família em luto). Elizabeth acha que Victor não mais a ama, e ele se compromete a casar-se com ela assim que voltar. Henry se prontifica a acompanhá-lo. [quarteto Victor + Elizabeth + Henry + Alphonse]

(enquanto Victor arruma suas malas, os outros à sua volta tentam dissuadi-lo a não partir)

ALPHONSE: My son, what are you doing? This is not the time to travel. We are mourning your brother – and Justine (I'm still hoping she was innocent!). Stay with your family, please; Elizabeth needs you – I need you!

VICTOR: Sorry, but I must go... Just for a few weeks...

ELIZABETH: You know something that we don't; what is it?

HENRY: Yes, Victor, tell us what's happening!

VICTOR: I assure you, it's for the best of us all, but I cannot explain right now. You will have to trust me.

ELIZABETH: Trust you? How, if you are only secrets and mysteries? Oh, I see... (sarcástica) you have important business you cannot tell us... (ciumenta e com raiva) Perhaps a wife somewhere? Another family? Children?

VICTOR: (indignado) Don't be ridiculous! You and I are going to be married very soon.

ELIZABETH: When? When? You never have the time!

ALPHONSE: I confess, my son, that I have always looked forward to your marriage. I have great expectations of your union.

ELIZABETH: (subitamente indignada com Alphonse) *You* have expectations, sir? And what about *my* expectations? Why am I never asked about *my* plans, *my* dreams, *my* hopes?

HENRY: Elizabeth, I know for sure how deeply Victor loves you; have no doubts about this!

ELIZABETH: This is not about doubts, Henry, it's about respect!

VICTOR: Please, be calm! Some things require my immediate attention, that's all. Give me a few weeks to look after them, and as soon as I am back, Elizabeth and I will become husband and wife.

HENRY: I will come with you; you may need help.

VICTOR: My dear Henry, I thank you, but I must go alone.

HENRY: I'm not asking, I'm telling you: I'm coming with you.

ELIZABETH: (angustiada) Victor, I don't know what is happening, but please be careful. We've just lost William and Justine, something terrible is surrounding us. I can feel it!

VICTOR: This is why I must go. Pray for us, my love.

Cena 10

A – Num outro laboratório. Henry novamente tem perguntas, mas Victor é sempre evasivo. Pede para ficar sozinho, pois precisa pensar e trabalhar. [dueto Victor + Henry]

HENRY: Are you going to tell me what the hell you are doing?

VICTOR: No.

HENRY: It's the same thing as in Ingolstadt, isn't it?

(Victor olha mas não diz nada)

HENRY: Tell me how can I be useful.

VICTOR: (impaciente e nervoso) Why don't you take a walk? I need to be alone.

HENRY: Sometimes you are sad and melancholic, sometimes impatient and in a rage; sometimes despondent and sorrowful, sometimes anxious and disturbed. You are not well, my friend.

VICTOR: (exasperado) It's not about me, it's about the task I have to complete! In the past I wanted fame, glory, miracles... But now, my only wish is to regain peace. Don't waste your time with me – I'm a miserable wretch, haunted by a curse that has shut up every avenue to enjoyment.

HENRY: Wow! (zombando e batendo palmas de brincadeira) Victor

Frankenstein!!! Now, this was truly dramatic. Do you know what you need? To get married. That, and a drink, of course. No problem can resist to sex and alcohol, believe me! (ri sozinho)

VICTOR: (cansado) I beg your pardon if I'm not in the mood for jokes. Now please, I really need to be alone.

HENRY: Ok, ok. Your best friend – me – will be out there, drinking alone but to your health. Meanwhile, try not to drown in your test tubes or in your self-pity. Don't be so serious; life is a play, write your story again. Now I leave you.

(Henry sai)

B – Victor tem crises de consciência, entra em conflito: criar ou não criar outro ser? Finalmente, decide-se por destruir tudo: incendeia o laboratório e o novo ser. Surge então a Criatura e travam novo embate de palavras. Ambos juram vingança e destruição. [ária Victor / dueto Victor + Criatura]

VICTOR: How can I work with the blood of William and Justine in my very hands? Anguish, despair, regret – only these feelings dominate my spirit. I'm always restless and nervous; every moment I fear to meet my persecutor. I feel as I have committed some great crime – probably I have...

(retira o lençol que cobre o corpo morto de uma mulher)

VICTOR: I am about to create another being, of whose dispositions I am alike ignorant; she might become more malignant than her mate. He has sworn to quit the neighbourhood of man, and hide himself in deserts; but she has not; and she might refuse to comply with a pact made before her creation. They might even hate each other; she might quit him, and he be again alone, exasperated by the provocation of being deserted by one of his own species. And if they have

children, a race of devils can be propagated upon the Earth. Have I a right, for my own benefit, to inflict this curse upon everlasting generations? No! No! I don't have it. Enough of this madness! I am putting an end to it – right here, right now!

(cobre o cadáver com líquido inflamável e coloca fogo, que logo se espalha pelo laboratório. Em meio às chamas, surge a Criatura)

Cr: (gritando) No!!!! Do you dare break your promise?

VICTOR: Yes, I do break my promise; never will I create another like yourself!

Cr: I have endured toil and misery, cold and hunger, for nothing? Do you dare destroy my hopes? Slave, I have reasoned with you, but you have proved yourself unworthy of my condescension. Remember that I have power; you believe yourself miserable, but I can make you so wretched that the light of day will be hateful to you. You are my creator, but I am your master; – obey!

VICTOR: You have made your way from worm to man, and much in you is still worm.⁹⁹ I am firm, and your words will only exasperate my rage.

Cr: Man! you may hate, but beware! your hours will pass in dread and misery, and soon the bolt will fall which must ravish your happiness for ever.

VICTOR: I am no coward to bend beneath words. Leave me or kill me. End this now!

Cr: Not yet, but soon. I shall be with you on your wedding night. (sai)

VICTOR: (enquanto a Criatura se vai) Before you sign my death-warrant, be sure that you are yourself safe!

Victor sai à procura de Henry, mas para seu horror descobre que o amigo foi assassinado. Passantes o encontram com o corpo nos braços e começam a perseguir-lo aos gritos de 'assassino'. [Victor + coro]

VICTOR: (saindo do laboratório em chamas) I will stop him! I'm going to hire an army and he shall be exterminated! Henry, where are you? We must go home. Henry, Henry!

(procura em vários lugares, até que, para seu horror, encontra o amigo morto)

VICTOR: (gritando) No!!!! Oh God, not you, Henry! My friend, my dearest companion. (chora, soluçando) Maybe I can make you live again... what do you say? Oh Lord, I'm going crazy... Oh Henry, not you, not you...

(aparecem algumas pessoas)

CORO: Look! Someone was murdered! And the assassin is still there! Arrest him, don't let him escape. Murderer! Murderer! He must be arrested! Don't let him escape! – Where is he?

(perseguem-no com armas no intuito de linchá-lo, mas Victor consegue escapar)

⁹⁹ Nietzsche, *Zarathustra*.

Cena 11 [intermezzo]

Novamente no Ártico. Victor, acamado, conversa com o capitão Walton. Refletem sobre certo e errado, culpa e responsabilidade. Àquela altura dos acontecimentos, deveria Victor voltar para casa (e pôr a família em risco)? Ou fugir para sempre? Para ele, a ameaça da Criatura fora de matá-lo durante ou após o casamento (ingenuamente, não percebe a possibilidade de a Criatura assassinar outros que não ele mesmo). Resolve ao fim pela volta, decidido a matar a criatura ou a deixar-se matar por ela. [dueto Victor + Robert]

ROBERT: So you escaped – then you went back home.

VICTOR: Not for a while. How could I ever again look at my family, knowing I was responsible for the deaths of William, Justine and now of Henry too? I was consumed by guilt and shame.

ROBERT: Why didn't you tell your story to the authorities? They could help you find and destroy the creature.

VICTOR: I tried. They laughed, thinking I was a madman. No, I was alone; so alone as the creature itself. And equally cursed. I bored a hell within me, which nothing could extinguish.¹⁰⁰

ROBERT: You stood before a difficult decision: to get back home or run away for ever... How to protect your father and your fiancée: being near or remaining distant?

VICTOR: The dilemma tortured me! But I chose to go back. After all, I promised Elizabeth – and this promise I was not willing to break.

ROBERT: And what about the creature's threat? Wasn't it something involving your wedding night?

VICTOR: After causing so much pain, I came to the conclusion that death was the fate I deserved. I actually desired to die, as repayment for my debts of blood.

ROBERT: Something was waiting for you in the darkness, a part of yourself you couldn't deny.¹⁰¹ So you went to your wedding, longing for your own death, as an earned punishment.

VICTOR: Yes.

ROBERT: Extreme conditions lead to extreme acts. Look at me and this ship: should I go on or should I go back? Both paths have risks and consequences...

VICTOR: You still have a choice; I had no more: the no-turning-back point had been reached. All I had was the hope for a chance to kill him.

ROBERT: Whoever fights monsters should see to it that in the process he does not become a monster. When you look into the abyss, the abyss looks back into you.¹⁰²

Cena 12

De volta a Genebra, preparativos para o casamento. Victor está armado e à espera de que a qualquer momento surja a Criatura. Numa conversa a sós com Elizabeth,

¹⁰⁰ Marlowe, *Doctor Faustus*.

¹⁰¹ Alice Hoffman, *The museum of extraordinary things*.

¹⁰² Nietzsche, *Beyond Good and Evil*.

esta o obriga a dizer o que está acontecendo. Ele conta. Primeiro ela o recrimina e humilha (a ele e à arrogância científica), depois o perdoa, mas impondo uma condição: ele deve trazer-lhe a cabeça da Criatura. [dueto Victor + Elizabeth]

ELIZABETH: (enquanto prepara arranjos e enfeites para o casamento) It will be such a lovely ceremony. A moment of light and warmth to comfort our hearts after so many sad losses. William, Justine... and now this terrible accident on the mountains that took Henry's life... the good, old Henry.

(Victor, esforçando-se por ocultar que está fortemente armado, olha para o chão, sentindo-se culpado com a mentira inventada; volta a caminhar pelos aposentos, olhando sempre pela janela à procura da Criatura)

VICTOR: So many tragedies...

ELIZABETH: You are absent, tense. Don't worry, you are at home now, safe. And finally we are going to get married. Are you not happy?

VICTOR: Of course I am! It's just that...

ELIZABETH: (subitamente desconfiada) What are you hiding from me? Tell me, now.

VICTOR: I have one secret, a dreadful one. But if I tell you... you will never forgive me and I will lose your love.

ELIZABETH: What's wrong? Please, tell me the truth!

VICTOR: Truth can be repulsive and ugly in the extreme.¹⁰³ At Ingolstadt... my experiments... I succeed, Elizabeth! I gave life to a corpse! It was a miracle! But as the creature awakened to life, I panicked and ran... like a frightened child! Hours later I came back, but it was already gone. Months later he appeared to me with the wildest of requests: I must create a female companion for him, or he will take revenge. I tried, this is why I traveled again, but I could not finish it.

ELIZABETH: Wait a minute... Justine spoke about a creature... You knew it, and you did nothing!!! You liar, your silence killed her!

VICTOR: (desesperado) I know, I know! You have the right to blame me – I do it myself. But at the time I was not sure about the creature, and I was in shock with the news, I hardly could manage to speak...

ELIZABETH: And Henry? Was it the creature too?

VICTOR: Yes, as a punishment... Please forgive me... I was weak, I know...

ELIZABETH: (interrompendo, furiosa) You were more than weak: you were a monster, a despicable coward! You and your disgusting science! You think you are above humanity, above rules, above life and death. But you are not, do you hear me? Your selfishness and arrogance will kill us all. Are you happy now? Are you proud of yourself?

VICTOR: I will burn in hell, I know; but nothing is worse than realizing that I've lost your love.

ELIZABETH: (exaurida, triste) You didn't. I'm still yours, Victor. But I will need time... As for this creature... Hunter and hunted, hunted and hunter; hate and love sometimes produce the same effect – (com sarcasmo) should I be jealous?

VICTOR: Of course not, I...

ELIZABETH: (rípida) No more words. Just promise me, you will kill him. Promise me!

VICTOR: (mostrando as armas) I promise!

¹⁰³ Nietzsche, *Cartas*. (B 2,60)

ELIZABETH: (esvazia uma taça de bebida e a atira longe) Now let us celebrate our marriage, my love. And if need be, we are going to dance on blood.¹⁰⁴ But I have a demand: as a wedding gift, I want the creature's head on a silver platter. Do you hear me? You will bring me the head of this evil beast, served on a beautiful, silver platter!¹⁰⁵
(Victor não diz nada, apenas a olha, assustado)

Cena 13

As bodas. [momento mais festivo e descontraído, com danças] Mescla de sentimentos: a felicidade pela união, o luto pelos mortos, a apreensão pela possível intromissão da Criatura. O momento da cerimônia. [orquestra + coro religioso]

(Os convidados dançam – klezmer)

(A dança para e começa a cerimônia – coro em latim)

CORO: "... Et Spiritus et sponsa dicunt: Veni. Et qui audit, dicat: Veni. Et qui sitit, veniat: et qui vult, accipiat aquam vitae, gratis."¹⁰⁶

(Terminada a cerimônia, a dança retorna; enquanto as pessoas se retiram, Elizabeth e Victor se dirigem ao quarto nupcial).

Cena 14

Noite de núpcias, um quarto [do lado de fora, uma tempestade]. Victor e Elizabeth estão felizes. Ele sai para fazer uma ronda de segurança. Mal ele sai, adentra o quarto a Criatura. Longa conversa entre ele e Elizabeth, que alternadamente tenta dissuadi-lo, ameaçá-lo, seduzi-lo. Sorrateiramente, pega uma faca e tenta matar a Criatura, mas apenas a fere; ele então a estrangula. [dueto Criatura + Elizabeth]

ELIZABETH: Married, married, finally married! Can you believe it?

VICTOR: It's like a dream! But a beautiful dream, not one of your nightmares.

ELIZABETH: I almost forgot... the nightmares I had before Ingolstadt... premonitions of death...

VICTOR: I wish I could go back in time... William would still be alive – and Justine, and Henry...

ELIZABETH: Time is a gift that was stolen from them... And speaking of wishes: don't forget your promise!

VICTOR: I won't! I will bring you the creature's head. Soon, very soon, my love.

¹⁰⁴ Oscar Wilde, *Salomé*.

¹⁰⁵ Oscar Wilde, *Salomé*.

¹⁰⁶ APOCALIPSE 22:17 ["O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida."]

ELISABETH: I want his head served on a silver platter! I toast to that! And I hope his blood tastes as good as this wine.

VICTOR: I will look around to check if the guards are in their posts.

ELISABETH: Don't take too long: it's our wedding night.

(Ele beija a mão dela em despedida e sai; instantes depois, entra sorrateiramente a Criatura)

Cr: You must be Elizabeth.

ELIZABETH: (surpresa, fica inicialmente petrificada) And you must be... Sorry, I don't know your name.

Cr: Your husband didn't give me one. How rude of him, don't you think?

ELIZABETH: Indeed.

Cr: Tell me: if he is my father, are you my mother?

ELIZABETH: Do you want me to be your mother?

Cr: Mother, sister... lover... how many roles can a woman play?

ELIZABETH: Victor and his guards will be here at any moment, you had better leave now.

Cr: (passeando pelo quarto) We have time. Frankenstein is a lucky man: you are so beautiful!

ELIZABETH: (sem jeito e ainda assustada) Thank you.

Cr: A pity you cannot return the compliment; as he created me, aesthetic beauty was not on his priority list.

ELIZABETH: There are other forms of beauty. Inner beauty, for example.

Cr: And on which kind of mirror should I contemplate such thing?

ELIZABETH: (mais segura agora, tentando tomar as rédeas da situação) You can see yourself through my eyes.

(ele se aproxima, fitando-a nos olhos)

ELIZABETH: (numa voz doce, apelando para sua humanidade) Can you see it? Your kindness, your sweetness, your humanity...

Cr: Humanity can be anything but sweet.

ELIZABETH: But you can be better than common people. You can be a model, you can show us the way to compassion, to forgiveness, to mercifulness...

Cr: No, I can't. Too late for that!

ELIZABETH: (mais séria e quase ameaçadora) If you keep hurting people, they will take revenge; you will be hunted, tortured, killed. Make no mistake about that!

Cr: (sorrindo, sem medo algum) I'm used to it.

ELIZABETH: (subitamente boazinha e sedutora – enquanto fala, discretamente se aproxima de uma mesa e pega escondido um punhal) But if you are good and kind, people will like you... I will like you.

Cr: (cínico) How very tempting.

ELIZABETH: I'm serious. You are not as ugly as you think. (cada vez mais sedutora e envolvente). Actually... you are tall, you are strong, you are powerful...

Cr: (incomodado) And you are trying to manipulate me.

ELIZABETH: Don't you see? *Men* have manipulated you, not women. I am a victim, as much as you are! It's always been like this: in the Garden of Eden, it was thanks to Eve that mankind shared of the Tree of Knowledge. Eve was a heroin – as Prometheus was a hero. But in the eyes of men, Eve was to be blamed

and ashamed, while Adam – poor Adam – was just a harmless victim. The word 'evil' – men took from 'Eve': Eve-Evil, Evil-Eve... Men are mean, men are liars, men are weak; but us, woman, are not.

Cr: I am a man too...

ELIZABETH: No, you are not. (aproximando-se mais dele, pegando em seu braço) You think you are Adam, but you are wrong: you are like me. We both are Eve!

(a Criatura fica confusa, insegura)

Cr: I am not what I am.¹⁰⁷

(Elizabeth o abraça, ele aceita o abraço; nesse momento, ela pega o punhal escondido e o enfia nele, mas de mau jeito, de forma que o fere mas não o mata. Ele urra de dor e fúria por ter sido enganado. A Criatura agarra Elizabeth e a estrangula)

O pai de Victor bate à porta e entra; é surpreendido e assassinado pela Criatura. Victor chega logo depois e encontra ambos mortos. [Alphonse, Victor]

(Mal Elizabeth morre, Alphonse começa a chamar e a bater à porta)

ALPHONSE: Elizabeth! Victor! Are you all right? I heard voices.

(abre a porta e se depara com Elizabeth morta)

ALPHONSE: Oh my God! Elizabeth!

(A Criatura surge por trás e passa o punhal na garganta de Alphonse, matando-o. Logo em seguida, foge. Victor retorna)

VICTOR: Elizabeth, I'm back! Now I expect to see you dancing for... (vê a cena, horrorizado) Elizabeth! Father! (abraça-se a Elizabeth e urra de dor, culpa e raiva) No! No! No! You took all I had, all I loved! I gave you life, I created you, – and as a reward you destroy my world? How dare you?!? I will kill you! Do you hear me? I will find you and kill you, I will pursue you to the end of the world, if I must! I will destroy you, you miserable creature!

(Cena de transição: enquanto Victor recita uma invocação de vingança, espíritos dançam e rastejam à sua volta. Aos poucos, desaparece o quarto onde estavam e ressurge o Ártico gelado)

VICTOR: (ajoelha-se em prece, invocando os espíritos) By the sacred Earth on which I kneel, by the shades that wander near me, by the deep and eternal grief that I feel, I swear to pursue the demon who caused this misery. I call on you, spirits of the dead; and on you, wandering ministers of vengeance. Let the cursed and hellish monster drink deep of agony; let him feel the despair that now torments me.

CORO (ESPÍRITOS): First he calls us to create, now he calls us to destroy... Spoiled children are the humans... Behold your creation, Frankenstein! Behold your creation!

(Ao final da invocação, semi-delirante, retorna à presença do capitão Robert)

¹⁰⁷ Shakespeare, *Othello*.

Cena 15

Novamente no Ártico. Victor conta ao capitão Robert como, a partir daquele dia, perseguiu noite e dia a Criatura, e como esta foi fugindo sempre em direção ao norte polar. Amargurado e desolado, já quase sem forças, recrimina-se por todos os males e mortes que causou. [dueto Victor + Robert]

ROBERT: Try to rest, my friend. You have endured a lot!

VICTOR: To destroy my enemy, I have traversed forests and deserts, mountains and oceans. How I lived I hardly know; many times have I prayed for death.

ROBERT: How did you find him?

VICTOR: He left traces on the way to guide me and instigate my fury. In one inscription on a tree he wrote: "Come on, my enemy; we have yet to wrestle for our lives; but many hard and miserable hours must you endure until that moment shall arrive".

ROBERT: So he wanted you to find him.

VICTOR: Yes. It became an endless journey, a pilgrimage. My destiny! Droll thing life is – that mysterious arrangement of merciless logic for a futile purpose.¹⁰⁸

ROBERT: Maybe this whole story is nothing but hallucinations, dreams...

VICTOR: Dreams are real – and I have remained to dream the nightmare out to the end. I was cursed by some devil, and carried about with me my eternal hell.

ROBERT: Good and evil, right and wrong... Is there a moral in this tale of yours?

VICTOR: No, there is no moral here; just the passage of time. Future becoming past, life becoming death, dreams becoming dust. My conscience has a thousand several tongues and every tongue brings in several tales, and every tale condemns me for a villain.¹⁰⁹ Mine has been a tale of horrors: one by one, my

friends were snatched away; I was left desolate. My own strength is exhausted.

ROBERT: Yes, you are exhausted, although a feverish fire still glimmers in your eyes. (examinando Victor e constatando a febre altíssima) I'm sorry, my friend, but you have not many hours to live. It's time to prepare yourself to rejoin your family.

VICTOR: I am more than prepared to go. But first, I must destroy the being whom I gave existence.

ROBERT: You are not going anywhere, you are too weak. Actually, we all on this ship are about to die. I fear a mutiny; the cold is excessive, food is scarce.

(a tripulação se aproxima)

CORO: Captain, our time is running out. But shall the ice dissipate, and a free passage be opened, we fear you could be rash enough to continue this voyage and lead us into fresh dangers.

ROBERT: Honestly, I would rather die than return shamefully.

VICTOR: Without sacrifice there is no history, no evolution, no glory!

CORO: Without life, there is no history either...

VICTOR: (falando à tripulação) Have you called this a glorious expedition? And wherefore was it glorious? Not because the way was smooth and placid as a

¹⁰⁸ Joseph Conrad, *Heart of Darkness*.

¹⁰⁹ Shakespeare, *Richard III*.

southern sea, but because it was full of danger and terror. Return as heroes who have fought and conquered, and who know not what it is to turn their back on the foe.

Surge a Criatura. Últimas palavras entre eles. Ao final, Victor morre, enquanto no céu surge uma Aurora Boreal. [trio Victor + Criatura + Robert + coro]

(surge do nada a Criatura)

Cr: You are the foe, Frankenstein!

CORO: The creature! It does exist!

VICTOR: Are you here to kill me?

Cr: I don't need to, you are dying by yourself.

VICTOR: You are nothing but a murderer!

Cr: I've seen horrors... But you have no right to call me a murderer. You have a right to kill me... but you have no right to judge me.¹¹⁰

VICTOR: Fine words! I wonder where you stole them.¹¹¹

CORO: The horror, the horror!¹¹²

ROBERT: I will allow no bloodshed on my ship. Beware!

VICTOR: If I could go back in time and burn all my alchemy books...

Cr: Your alchemy was not wrong, just incomplete... you managed four elements, but forgot the fifth and most important one: love!

VICTOR: You dare to mention the word *love*? How could I love you? You killed my brother, my father, my wife, my friends...

Cr: I killed your family, yes, but first you killed the family in me. I will never know what it is to have wife and friends. Or even a father.

ROBERT: For soon or late Love is his own avenger.¹¹³

CORO: The ice is moving! Maybe there is a chance!

(a partir daqui, os três – mais o coro – cantam ao mesmo tempo. Ao longo da cena, forma-se no céu uma Aurora Boreal)

VICTOR: I shall soon die – but I will take you with me!

Cr: What kind of father will abandon his children?

ROBERT: I never found a man that knew how to love himself.¹¹⁴

VICTOR: Your creation was a mistake... a moment of madness!

Cr: Madness is the only noble part of you.

ROBERT: We are being drawn to the edge of the abyss.

CORO: The horror, the abyss... We are being drawn into the madness.

Cr: All I asked for was a female companion.

VICTOR: I refused, and I would refuse again.

ROBERT: The world offers only two beautiful things: love and death.¹¹⁵

Cr: Disgusting in a war is that your blood mingles with that of your enemy.¹¹⁶

¹¹⁰ *Apocalypse Now* (fala do General Kurtz)

¹¹¹ Jonathan Swift.

¹¹² Joseph Conrad, *Heart of Darkness*.

¹¹³ Byron, *Don Juan*.

¹¹⁴ Shakespeare, *Othello*.

¹¹⁵ Leopardi, *Canti*.

VICTOR: Madness! This thing of darkness – I acknowledge mine.¹¹⁷
 ROBERT: Love your enemies and pray for those who persecute you.¹¹⁸
 CORO: Love and death, death and love.
 Cr: Am I to be thought the only criminal, when all human kind has sinned against me?
 VICTOR: Me, me, me... How egoistic are your lamentations.
 CORO: The darkness, the horror... We shall soon die.
 ROBERT: Your eyes will be opened, and you will be like God, knowing good and evil.¹¹⁹
 Cr: Soon, you and I shall be no more, the very remembrance of us both will speedily vanish.
 VICTOR: I will burn my books.¹²⁰ I will bury my diary and all my papers; there shall be not another you.
 CORO: The ice is melting!... We have a chance!... We shall live!
 Cr: After all, you cannot deny, there's a terrible beauty in all this. A sublime beauty, both attractive and repulsive.¹²¹
 VICTOR: I'm on the edge of my humanity. I'm so tired...
 ROBERT: Look at the sky! How small are our personal tragedies compared with the greatness of the milkway.
 Cr: Too late, not to be born; too soon to die.¹²²
 VICTOR: (caindo de joelhos, já quase sem vida, contempla o céu) Aurora borealis! So marvelous... So lovely... The lights... The lights... More light!¹²³... Beautiful!... (sorri e fecha os olhos; não volta a abri-los: está morto).

A Criatura lamenta seu destino e o do seu criador. Ele e Walton trocam algumas palavras. A criatura diz que continuará indo para o Norte, sempre para o Norte, para o gelo e solidão eternos. [dueto Criatura + Robert]

ROBERT: (examinando Victor) He is dead. Are you finally pleased?
 CR: While I destroyed his hopes, I did not satisfy my own desires (agachando-se junto ao corpo de Victor, desolado com sua morte) Oh, Frankenstein! What does it avail that I now ask you to pardon me? I, who irretrievably destroyed you by destroying all your loved ones. Alas! he is cold, he cannot answer me.
 ROBERT: Your repentance is now superfluous. Now it is ended; there he lies, white and cold in death; your last victim.
 CR: He may be a victim, but not necessarily mine.
 ROBERT: You could have avoided this tragedy.
 CR: I refuse to be a pawn on a chessboard. Look at yourself: deciding the destiny of your crew. Are you playing God, too?
 ROBERT: Your insinuation is preposterous, malignant!

¹¹⁶ Milan Kundera, *The Immortality*.

¹¹⁷ Shakespeare, *The Tempest*.

¹¹⁸ Mattheus, 5:44.

¹¹⁹ Genesis, 3:5.

¹²⁰ Christopher Marlowe, *Doctor Faustus*.

¹²¹ Lars Svendsen, *A Philosophy of Evil* (about the *sublime* in Kant)

¹²² Guimarães Rosa, *Estas Estórias*.

¹²³ Últimas palavras de Goethe.

CR: Eventually, a fallen angel becomes a malignant devil. Yet even the devil has friends in his desolation; I am alone.

ROBERT: You are still alive.

Cr: I've seen things you people wouldn't believe. All those moments will be lost in time, like tears in rain. Time to die.¹²⁴

ROBERT: Where are you going?

Cr: I shall seek the most northern extremity of the globe. Soon I shall die, and what I now feel be no longer felt. Soon these burning miseries will be extinct. I shall ascend my funeral pyre triumphantly, and exult in the agony of the torturing flames. The light will fade away; my ashes will be swept into the sea by the winds. My spirit will sleep in peace; or if it thinks, it will not surely think thus. Farewell, captain. (acariciando tristemente a cabeça de Victor) Farewell, Frankenstein!

Enquanto a Criatura se afasta, a tripulação quer saber do capitão o que acontecerá com eles (continuam com medo de prosseguir naquela jornada suicida em troca de uma glória duvidosa). O capitão decide pelo retorno. [Robert + coro]

(Robert vê a criatura afastar-se lentamente)

ROBERT: (pensativo, consigo mesmo) A spirit of fire and air, a half-human of earth and water.¹²⁵ As it was in the beginning, so shall it be in the end.¹²⁶

CORO: The ice is moving, captain! The passage is open again.

ROBERT: So it seems.

CORO: What have you decided, captain? What happens now?

ROBERT: I have lost my hopes of glory; I will go back ignorant and disappointed. I'm not happy, gentlemen; not at all! But we are turning back.

CORO: (abraçam-se, aliviados)

(todos se empenham em fazer o navio voltar a navegar; o capitão ainda observa como a criatura se afasta, desaparecendo no horizonte)

FIM

¹²⁴ *Blade Runner*.

¹²⁵ Harold Bloom, *The invention of the human* (about *The Tempest*)

¹²⁶ Bíblia.